

Luís Antônio de Oliveira

**A LÍNGUA PANKARARU:  
PUXANDO OS FIOS DA HISTÓRIA**

Belo Horizonte  
2016

Luís Antônio de Oliveira

**A LÍNGUA PANKARARU:**  
PUXANDO OS FIOS DA HISTÓRIA

Percurso Acadêmico apresentado ao Curso de Formação Intercultural para Educadores Indígenas da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (FIEI/FAE/UFMG) como requisito parcial para obtenção do grau de licenciado em Línguas, Artes e Literaturas.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Gorete Neto.

Belo Horizonte  
2016

## DEDICATÓRIA

A Deus, a força encantada Pankararu que nos faz forte.  
À meus filhos Mayane Amélia e Iguaratã, como  
inocentes sofrem a minha ausência.  
À minha esposa e amiga Elizabete.  
À meus pais José Oliveira e Amélia.  
À toda minha família.  
E a minha orientadora e professora Maria Gorete Neto.

## AGRADECIMENTOS

A minha família, a meus pais José e Amélia por ter transmitido uma boa educação para respeitar a todos.

Aos meus filhos gêmeos Mayane Amélia e Iguaratã, com minha esposa Elisabete Martins de Oliveira, por ter proporcionado ser um pai de duas crianças amáveis e de compartilhar comigo as viagens saudosas para UFMG/FAE em busca de suporte para melhor pesquisar as histórias da nossa língua Pankararu.

Aos meus onze irmãos e irmãs que sempre me motivaram a estudar, aos tios e tias pelas suas amizades com seus conselhos pertinente ao meu comportamento e a meus primos e primas pela amizade e confiança que depositamos uns aos outros.

A meus muitos sobrinhos e sobrinhas pelo respeito que têm por mim, aos meus afilhados e afilhadas, compadres e comadres pela consideração e respeito uns com os outros.

Aos Caciques Pankararu Pedro Monteiro e Zé Alto; à liderança e companheiro de estudo Edivaldo (Zoin) da aldeia Caldeirão e a todos as lideranças das quatorze aldeias do território Pankararu.

A todos os professores indígenas Pankararu em especial os da Escola José Luciano, aos parceiros que me concederam as entrevistas para a discussão da história da língua Pankararu.

Às lideranças do colegiado do FIEI/FAE/UFMG, representantes de todos os estudantes aqui das seguintes etnias Pankararu de Pernambuco, Pankararu de Minas, Pataxó de Minas Gerais, Pataxó da Bahia, Xacriabá de Minas Gerais e Maxakali, Guarani do Rio de Janeiro. Às lideranças da aldeia Águas Belas Pataxó por ter permitido o meu trabalho como Educador durante cinco anos de 2008 a 2012.

Ao meu amigo Charlys Braz Bonfim recém formado por ter avisado desse curso maravilhoso. A Kanatyo, liderança e amigo Pataxó, ao ex-cacique de Barra Velha o Srº Romildo e todas as lideranças indígenas do Brasil.

Aos professores desse curso: Professoras Maria Gorete Neto, Shirlei Miranda, Ana Gomes, Lucinha Alvarez, Vanessa Tomaz; os professores Josiley Souza, Carlos Novais, Gilcinei Teodoro, Marcos Scarassatti, Paulo Maia, Charles Cunha, Rodrigo Ednilson, Luis Gouvêa de Paula e Eunice Dias de Paula. A todos os professores que contribuíram para a minha formação.

À FUMP.

A todos os bolsistas e, em especial, Gabriela e Gustavo Tanus.

A todos os colegas de classe do curso de Línguas, Artes e Literaturas e a todos os estudantes do FIEL.

A nossa secretária Luciana e todos os colaboradores da nossa formação.

Aos colegas mineiros Cláudio, Vagner e Alice.

## SUMÁRIO

Introdução.....	7
Quem são os Pankararu? .....	7
A Terra Pankararu.....	11
A escola Pankararu .....	17
O museu Pankararu .....	20
Um pouco da minha escolarização e os objetivos dessa pesquisa.....	22
A invasão das terras e sua relação com a tentativa de apagamento da cultura e da língua Pankararu.....	25
O desejo de revitalização da língua .....	27
Puxando os fios: um pouco da história da língua Pankararu.....	29
Os Pankararu e o rio São Francisco: território, língua e contato.....	30
A voz do ancião mais antigo sobre a língua Pankararu .....	37
Algumas iniciativas da escola e do museu Pankararu para a revitalização linguística.....	39
Considerações finais: O desafio e persistência de escrever sobre a língua Pankararu .....	46
Referências .....	49

## **Introdução**

Fazer uma pesquisa sobre língua é um desafio muito grande, pois é uma área que há muitos anos vem sendo estudada e analisada nas academias do Brasil e do mundo. No entanto, estudar sobre a língua do povo Pankararu é algo muito desafiador também, uma vez que, quando lemos os livros e artigos científicos sobre as línguas dos povos indígenas do sertão de Pernambuco, uma das primeiras análises é que as línguas desses povos foram mortas e extintas, com exceção a dos Funi-ô. Contudo, isso fica mais instigante e conduz à árdua investigação científica e tradicional sobre a seguinte pergunta: por que a língua Pankararu morreu? Com interesse de quem? E também por que da continuação da morte da língua do povo Pankararu, uma vez que essa população, felizmente, só aumenta. Assim, a comunicação entre eles só deve ter aumentado naturalmente.

Lembro que uma vez estava participando de um congresso sobre educação indígena e estavam presentes muitas autoridades que já haviam falado suas teorias sobre educação. Professores, diretores, coordenadores, representantes da secretaria de educação do Estado de Pernambuco. A pessoa que estava organizando o evento chamou um ancião para falar. Então ele disse: não dá para falar de nenhum assunto que envolva o índio se ele não tiver a garantia de sua terra, assim, é interessantíssimo conhecer a luta e o processo de demarcação e homologação do território Pankararu. Dessa forma, entenderemos melhor a relação que ela tem com a língua Pankararu.

Para a realização dessa pesquisa fiz um estudo dos trabalhos etnográficos dos antropólogos: OLIVEIRA (1942), esse foi o primeiro pesquisador enviado pelo antigo (SPI) Serviço de Proteção Indígena e ARRUTI (1996) que realizou sua pesquisas com os Pankararu para defender sua tese de mestrado pela UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro). Isso para entender a relação da história com a língua do povo Pankararu. Com relação à discussão da língua, traremos CÉSAR e CAVALCANTI (2007); GORETE NETO (2009); MAHER, (1996), entre outros.

## **Quem são os Pankararu?**

Os Pankararu são povos que ressurgiram da invasão dos colonizadores do litoral nordestino e pela expansão de cana de açúcar e da criação de gado que vai até o sertão. Como uma estratégia necessária as sobrevivências das várias perseguições territoriais, tiveram que

se distanciar do litoral nordestino e penetrar na caatinga onde seus limites eram do submédio rio São Francisco que incluía a cachoeira de Paulo Afonso, BA, a cachoeira de Itaparica, PE, sendo até as margens do rio Moxotó. As duas cachoeiras eram usadas pelos Pankararu para praticar os rituais de encantamento. Quem tivesse o merecimento de atravessar as águas montanhosas, estava pronto para morar com os Encantados (Deuses) Pankararu. Aqui nessa região imaginavam ter encontrado terras seguras para viver longe da violência colonial. Os primeiros contatos com as missões religiosas aconteceu por meio dos jesuítas realizadas na ilha de Sorobabé (Arruti, 1996, p. 24).

A busca por um lugar longe das perseguições não cessou. Anos depois foram encontrados índios nas malocas: pequenas cavernas na serra de Canabrava, que dessa serra desciam águas cristalinas e molhavam a terra preta fértil, hoje Tacaratu, motivo esse da fertilidade da terra e da ganância dos plantadores de cana de açúcar, que só enxergavam a terra como meio de exploração para obter riquezas individuais. Os índios foram expulsos terras abaixo, junto com os religiosos, onde nessa baixa vão formar uma aldeia conhecida como Brejo dos Padres, nome esse devido as intervenções do cristianismo e aqui se juntam aos Pankararu: índios vindo da ilha de Sorobabé, Rodelas, Cural dos bois, hoje Glória, Bahia, Serra do Orubá, Águas Belas, Serra Negra e Brejo do Burgo. Além desses havia: os Quaças, Macarús, Geripancós e Itaçás, povos vindos de Serra Negra (ESTEVIÃO, 1937, p. 159; BARBALHO citado por ARRUTI, 1996, p.19).

Uma das primeiras ações que as missões fizeram na época foi construir uma igreja de palha para continuar o processo de ensinamento dos costumes católicos como o batizado, as missas, as novenas e ensinar os benditos aos índios que nessa terra se encontravam. Hoje esse local passou a ser o cemitério onde os Pankararu enterram seus mortos. A igreja foi construída mais próxima das casas que atualmente denomina o centro da aldeia Brejo dos Padres. Aqui são realizadas todas as cerimônias católicas atuais, porém, os índios que vivem aqui resistiram da forma que os rituais sagrados Pankararu e os católicos em muitas ocasiões se misturam nas práticas cerimoniais das duas culturas. Além disso, nos últimos 30 anos aumentou o número de igreja de cunho protestante, e poucas pessoas que seguem essa doutrina se arriscam a praticar os rituais Pankararu, salvo alguns que participam do toré nas escolas.

As primeiras pesquisas sobre os Pankararu indicaram que eles eram caçadores coletores, pescadores, criadores de gado, galinha, cabras e agricultores. Essas últimas aprenderam a duros castigos imposto pelos já coronéis do sertão instalados na cidade de Tacaratu, PE. Foram colhidos alguns relatos que alguns índios eram obrigados a trabalhar forçadamente para alimentar os vários engenhos de cana de açúcar. Aqueles que não fossem



eram açoitados, humilhados. Em outro relato foi contado que toda vez que um dos coronéis mandava buscar homens para trabalhar tinha um índio que se encantava e nunca o achava. A herança dessa atividade canavieira marcou muito a cultura agrícola Pankararu, pois na aldeia havia oito engenhos de cana de açúcar onde faziam mel e garapa para beber e ofertar em alguns rituais da tradição indígena.



**Imagem 1:** Um dos nossos rituais Pankararu. Fotografia de Luciano Pankararu. 2008.

Na condição de coletores, as frutas típicas coletadas eram: a quixaba, o juá, araticum, pinha, goiaba, manga, fruto do mandacaru, da palma, mucunã, esse muito venenoso, tinha que lavar com três águas e o imbu. Esse um dos mais significativos para a tradição até os dias atuais. Todo ano quando achado o primeiro imbu maduro na comunidade era levado até o pajé, hoje pode ser na casa de outra liderança, Francisco esse tem a responsabilidade de organizar o flechamento do imbu no terreiro do muricizeiro. Aqui os Praiás (Deuses ou encantados da crença Pankararu) vão dançar no terreiro em forma de círculo entoado por um cantador ou cantadeira. Depois de dançarem é escolhido um dos Praiás para flechar o imbu. Caso esse não acerte é escolhido outro ou um abá umã, ancião, para acertar o fruto e assim sucessivamente até flechar o imbu. Em seguida acontece o puxamento do cipó. Dois grupos são divididos, um puxa para o poente e outro para o nascente. Se o cipó subir para o nascente, quem mora nessa parte da aldeia comemora e se o cipó descer para o poente aqueles que

moram nesse local vão comemorar também. No final desse ritual termina com ambas as partes dançando o toré (dança típica da aldeia). Além disso, para comemorar a boa colheita do imbu, há em seu nome um ritual muito marcante e vivo comemorado nos meses de fevereiro e março. São quatro finais de semana seguidos. Aos sábados e até pelo domingo, de manhã homens, mulheres e adolescentes vão à procura do imbu na caatinga para colocar nos cestos junto com outras frutas das regiões para oferecer a um dos Deuses da cultura Pankararu. No sábado, a noite todos os Praiás (representantes de deuses Pankararu com vestimentas de croá, espécie de sisal) dançam em círculo num terreiro bem grande. As mulheres que colocam e oferecem o cesto vão dançar atrás deles e em alguns momentos de lado imitando a performance física e sonora dos animais da região, por exemplo cânticos e o andado. No domingo as mulheres levam seus cestos cheios de imbu e de outras frutas da região.



**Imagem 2:** Maria de Estevão Pankararu levando o cesto de frutas para o ritual. Fotografia de Fotografia retirada do Facebook do povo Pankararu. Disponível em: <<https://www.facebook.com/pankararunet>> .

Elas são pintadas de barro branco junto com seus pares no ritual. Não é obrigatoriamente ser o esposo, pode ser um homem e uma mulher que não tenham uma relação afetiva, eles são pintados também, de mãos dadas vão dançar em círculo junto dos Praiás. Isso no terreiro do poente depois. Vão para o terreiro do araticum a finalização acontece no terreiro do muricizeiro onde aconteceu há meses atrás o flechamento do imbu.

Aqui uns aos outros passam o cansanção nas costas de quem está dançando isso no ritmo do toré sobre o som de flauta e do apito feito com o rabo de tatu. Por último finalizando o dia de festa, a mulher vai levar o cesto na casa do Praiá e ser benzida para ter dias de sorte e fartura.



**Imagem 3:** A dança do ritual Cansanção. Fotografia de Luciano Pankararu. 2008.

Esse ritual é repetido durante quatro final de semana seguido todos os anos. Contudo, nas últimas décadas esses cestos tem se completado com produtos industriais. Mas, tudo isso não tira a magnitude do ritual.

### **A Terra Pankararu**

A catequização no início do século XVII ocorreu, também, na terra Cana Brava ou serra da Borborema hoje cidade Tacaratu. Os padres na companhia de Felipe Nery viram que não havia espaço suficiente para catequizar os índios. Foi enviada uma carta ao rei D. Manoel, informando sobre os progressos da missão jesuíta no território. Segundo nossos ancestrais e contado pelos abá umã (mais velhos) ainda, na época do Brasil Imperial, a Princesa Isabel documentou as terras em texto escrito com letras de ouro e passamos a ter posse da terra. A documentação veio muito depois para registrar o que já era nosso de direito e só muitos anos depois, no século XX, em 1935, por intermediação do Padre Damaso que trabalhava com os Funi-ô, e que tinha grande influência com o governador do Estado e por meio desses contatos é que a etnia Pankararu recebe a primeira visita de um pesquisador. O antropólogo Dr. Carlos

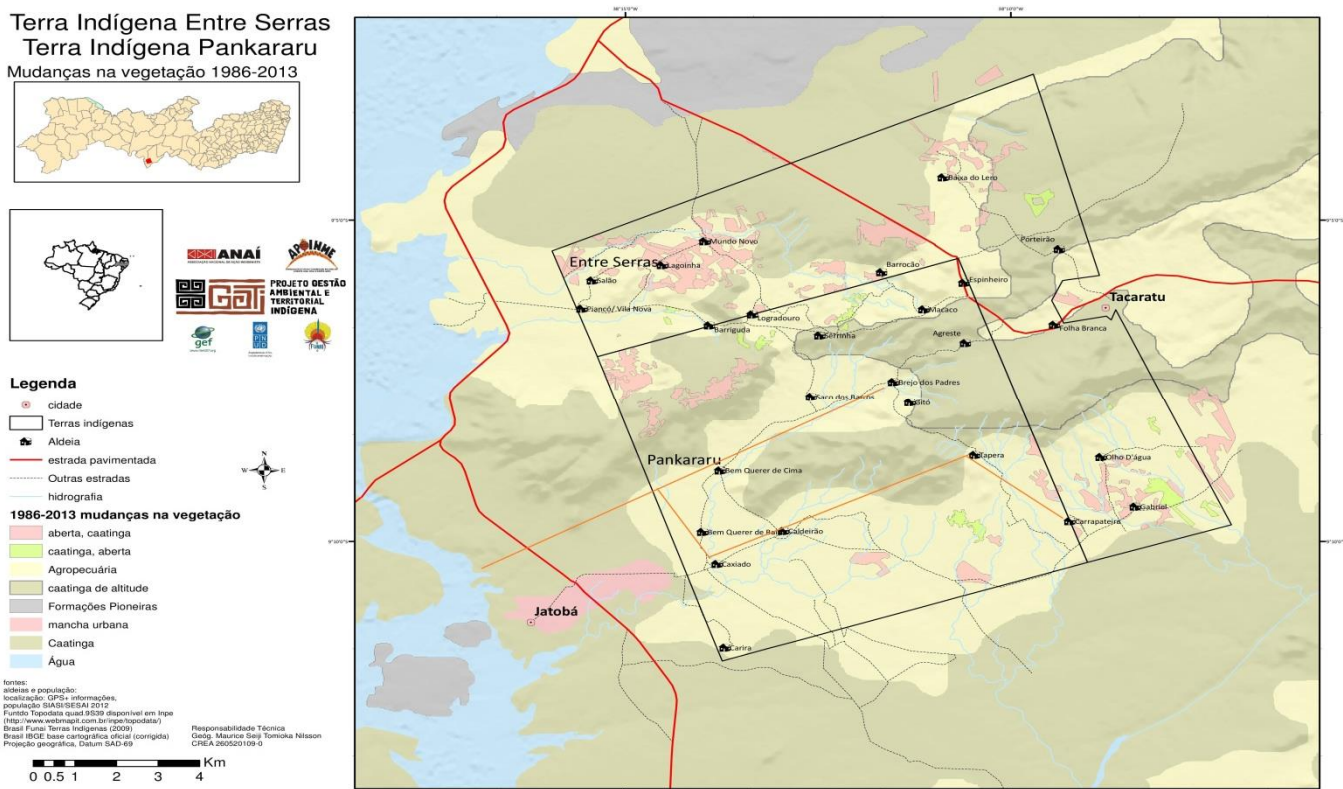
Estevão veio fazer uma análise para comprovar se tinha índios de verdade. Foi feito um estudo que confirmou então a existência dos Pancaru (como era chamado antigamente). Os mais velhos contam também que nossas terras foram doadas na cessão de quatro "léguas-em-quadra" de terra pelo Imperador Pedro II ao grupo, cuja demarcação toma a igreja do aldeamento como centro, e dela projeta em cruz quatro linhas de uma "légua de sesmariaö (6600 m), o que resulta numa área total de 14.294 ha. No entanto, ao se estabelecer pela primeira vez no local (1937) com o reconhecimento do grupo, a implantação de um posto indígena e a demarcação das terras (1941), o SPI não respeitou a pretensão do grupo às tradicionais quatro léguas quadradas e reduziu do quadrado assim delimitado 3 km a Leste e 3 km a Norte, trazendo a área total a 8100 ha.



**Imagem 4:** Fotos da aldeia Brejo dos Padres. Fotografia de Luciano. 2008.

Nosso território tradicional é de 14.294 hectares, mas na demarcação de 13 de dezembro de 1940, procedida pelo SPI, nós Pankararu, fomos prejudicados. Essa demarcação reduziu nosso território em 03 km ao Norte e 03 km ao Leste, e ainda, nesta região havia grandes criadores de gado e fazendeiros do Município de Tacaratu. Na época, o governo municipal corrompeu o Funcionário do SPI, com dinheiro e assim fizeram um acordo para que os limites do território fossem reduzidos e parte das cidades de Tacaratu e Petrolândia ficaram de fora, com o argumento de não prejudicar a vida e o sustento da população rural não indígena, sem levar em conta os prejuízos causados ao povo Pankararu.

O primeiro marco da nossa terra é o Baobá - marco tradicional da divisa das terras indígenas com outras propriedades, localizado na periferia da cidade de Tacaratu, no caminho que leva ao distrito de Caraiibeiras. Na entrada leste da cidade, o segundo marco fica a uns 1000m do local onde existia o Baobá. Havia uma capelinha onde os Padres conduziam os índios a fazer orações cristãs. O lugar também é conhecido como Pedra Santa, e hoje passou a ser uma das principais linhas de divisa entre a aldeia indígena e Tacaratu, numa faixa de 1000m de comprimento, conforme proposta dos índios. No limite Sul está o Rio Salgadinho, antigo Riacho do Padre, e Rio Bananeiras. Nessa região, encontra-se a Aldeia da Carrapateira, caldeirão que tem por marco histórico da presença indígena a Imburana Ferrada, conhecida por índios e brancos como divisa das terras indígenas com as terras dos agricultores do Rio Moxotó que fazem divisa com o Estado de Alagoas. Outro marco construídos pelo SPI em 1940, com 1 km de distância um do outro A Oeste o Território Pankararu é limitado pelos rios Bananeira que faz divisa com o rio são Francisco.



**Imagem 5:** Mapa cedido por cedido por Jeorge Vasconcelos Pankararu representante da APOIME.

O território Pankararu é um só. Distribuídos através das nossas aldeias que são catorze: Saco dos Barros, Bem-querer, Caldeirão, Carrapateira, Caxiado, Tapera, Agreste, Espinheiro, Macaco, Barroão, Serrinha, Logradouro, Brejo dos Padres e Barriguda.

Antigamente, a aldeia Brejo dos Padres tinha a maior concentração populacional. Nela está localizado o posto indígena da FUNAI, o posto de saúde administrado pela SESAI, duas escolas estadualizadas como as outras, e o cemitério criado pela missão da igreja católica. Com o passar do tempo, as outras aldeias foram crescendo e começaram a receber escolas e outras instituições construídas pelos municípios (Tacaratu, Jatobá e Petrolândia), FUNAI e SESAI. Como casa de farinha, posto de saúde, entre outros. Hoje, temos transporte durante o dia que faz linha para as cidades de Tacaratu, Jatobá, ambas em PE e Paulo Afonso, BA. Temos também casa de farinha coletiva, casa de memória, centro de produção de artesanato, museu-escola, etc.



**Imagem 6:** Artesanatos Pankararu. Fotografia retirada do Facebook do povo Pankararu. Disponível em: <<https://www.facebook.com/pankararunet>>.

Além disso, temos água encanada das bicas ou fontes. Também temos uma encanação feita do rio São Francisco, desde 1996, feita na época pela FUNASA. No entanto, essa tem atendido pouco o povo indígena. Ao sair do rio em áreas invadidas por posseiros, furam o cano. Já a água distribuída por carros-pipas são colocadas nas caixas d'água. No entanto, os índios não estavam acostumados, não colocam a tampa devidamente correta e tem proliferado a chikungunya nas aldeias, causando seríssimos danos à saúde local.

Por outro lado, os funcionários da promoção à saúde, principalmente os Pankararu não medem esforços para combater esse mal, com orientações e visita nas residências Pankararu. Por último a luz elétrica. No geral, essa é de péssima qualidade, com omissão da Companhia

Hidroelétrica do rio São Francisco (CHSF), FUNAI e a prefeitura de Jatobá, a que mais lucrou. Com a Construção da Usina Hidroelétrica Luiz Gonzaga inundou a cachoeira sagrada de Itaparica onde nossos ancestrais Pankararu praticavam rituais imemoriais. Assim, mesmo sendo nosso espaço, quem recebe os Royalties é a prefeitura de Jatobá. Alguns falavam em 500 mil reais por mês. Mas, não tem empregado quase nada disso nas aldeias.

Oito anos depois desta primeira demarcação (1949) um grupo de trabalhadores rurais, encabeçados na ação judicial por Miguel G. Maurício e já instalados nas terras demarcadas pelo SPI, contesta a demarcação, perdendo a ação num processo que duraram seis anos (1955). Em 1960 é aberto um novo processo encabeçado pela mesma pessoa, agora de "uso-capião", que favoreceu os posseiros numa primeira instância (1964) mas a qual o SPI recorre. Esta primeira vitória e a demora do processo de recurso leva a um acirramento das tensões na área, com conflitos localizados em 1966.

Em 1967 a justiça dá ganho ao SPI, mas responde negativamente ao pedido de "restituição de posse" ao grupo (ARRUTI, 1996), mantendo a situação no mesmo estado de precário equilíbrio até 1979, quando um novo elemento vem agravar a situação: a construção da hidroelétrica de Itaparica desaloja dezenas de famílias camponesas próximas à Área indígena Pankararu. E, não cumprindo a CHESF os acordos de reassentamento, estas famílias se somaram àquelas de convívio já dentro da área, dando à situação um contorno dramático. Ainda não resolvida esta questão, o órgão indigenista oficial implanta no final da década de 60 até o início da década de 80 uma série de projetos de infraestrutura e desenvolvimento agrícola e cultural para a área, começando em 1969 com o projeto de implantação da Guarda Rural Indígena e se multiplicando na década de 70 com recursos do Programa de Integração Nacional.

Em 1984 um Grupo de Trabalho (GT) da FUNAI é enviado à área para realizar um levantamento fundiário e da situação social. Fica novamente evidenciada a continuidade da situação de conflito, e uma estimativa de intrusão de aproximadamente 540 posseiros, ocupando pequenos lotes de lavoura temporária. Como resultado dos levantamentos, o GT apresenta ao Grupo de Trabalho Interministerial em 1987, a proposta de demarcar a área total de 14294 ha. Neste mesmo ano, os posseiros, representados pelo sindicato dos trabalhadores rurais de Petrolândia mobilizam-se novamente, através de uma proposta de negociação segundo a qual em lugar da área indicada pelo GT da FUNAI, o grupo indígena trocaria as áreas já densamente ocupadas por posseiros (Caldeirão, Bem-Querer, Caxeado, Brejinho, Camaratú, Logrador, Mundo Novo, Alagoinha, Barriguda e Salão) por outras, segundo, o sindicato, férteis e de baixa densidade populacional.

Apesar deste documento indicar o reconhecimento, por parte do sindicato, do direito indígena à terra e abrir um canal de negociação, este momento gerou mais tensões. Simultaneamente a este documento, representantes do sindicato prestaram declarações à imprensa desconhecendo o conflito, a anterioridade da posse indígena e acusando a FUNAI de fomentadora de um clima artificial de tensão entre índios e posseiros. Imediatamente foi lançado um documento animado pela "comunidade Pankararu" que reafirmava a posse imemorial do grupo, dizia que não há como reduzir mais sua terra já reduzida, tanto pelo SPI quanto pela presença dos posseiros, que então ocupavam quase metade dos 8100 ha, inclusive as melhores terras para plantação, e insistir na legalidade de sua posse desde alguns poucos anos.

Dois meses depois, no entanto, contrapondo-se tanto à proposta do sindicato, quanto à do GT/84, do grupo e à própria legislação, que estabelecia o "desintrusamento" como etapa anterior e necessária à homologação da Área Indígena (Decreto 88.118/83), o governo federal homologa os 8100 ha estabelecidos pelo SPI. Esta decisão sustentava-se no Parecer nº 165/87 resultante de uma reunião entre a FUNAI, lideranças Pankararu e Kariri, em que se reconhecia o direito do grupo às 4 léguas-em-quadras, mas resolvia pelos 8.100 ha, mais uma frustração, a partir de um acordo com as próprias lideranças, no qual a FUNAI garantia isto implica na retirada imediata dos posseiros, o que não aconteceu. Em 1989 era constituída a equipe técnica para o levantamento fundiário e topográfico da área, que só vai acontecer nos anos seguintes de muita luta.

Os avanços na questão de retirada dos posseiros acontecem de forma muito lenta, na década de 90. Pois, poucos posseiros são indenizados. Outros queriam sair, também, pois com a chegada das famílias Pankararu, com todos seus costumes nessas áreas, os posseiros no início não gostaram e por isso queriam sair. Mas, a FUNAI na época alegou não ter dinheiro para retirar alguns que queriam sair na naquele momento.

Atualmente essa situação tem se intensificado, as ameaças de brigas vem se agravando, pois são culturas diferentes e não há como não ter conflito. Além disso, filhos de posseiros engravidam as índias que, na prática, vão ter laços com os invasores, mesmo saindo vão ter um vínculo na terra indígena. Além disso, a policia civil em 2015 instalou um inquérito policial na aldeia caldeirão, para investigar o aliciamento de adolescentes, no uso físico sexual e entorpecentes estimulado por parte de posseiros maiores, segundo a investigação civil que segue em curso. No dia 22 de fevereiro de 2016 pela primeira vez o Presidente da FUNAI, João Pedro visitou a aldeia Brejo dos Padres e falou que não podia promover grandes coisas, mas que ia agendar uma reunião com o Juiz Federal na cidade de



serra talhada A localização do ministério publico em Pernambuco, que fica a uns 250 km do território Pankararu. As populações têm cobrado das lideranças e do Cacique Pedro Monteiro essas decisões, que por sua vez cobram a FUNAI pelo agendamento, mas até o último relato de abril de 2016 não aconteceu isso.

### **A escola Pankararu**

Um novo tempo se inicia entre a cultura Pankararu e a escola. Em 2001 se inicia o processo de estadualização das escolas indígenas de Pernambuco. Isso vai gerar alguns desconfortos internos em algumas etnias, pois lideranças, ressaltando uma minoria, entre muitos, aliás, entre um e dois que tinha laços nas prefeituras, na época não gostaram da estadualização. E ainda 2002 por meio da Lei nº 10.172, e através do decreto: 24628, de 2002, fica regulamentado o funcionamento do ensino no sistema do ensino do Estado, no âmbito da educação básica; garantidos pela Constituição de (CF88), as reivindicações dos movimentos indígenas. Essa lei e a Lei de Diretrizes e Base (LDB) nº 93394/96 sobre os art. 78 e 79 que vai fazer com que o Estado passe a adotar políticas que promovam uma educação diferenciada e específica para as escolas indígenas. Amparados pela lei, começa a entrar a cultura Pankararu nas escolas. Antes, também era 80% de professores não-indígenas, após a estadualização esses números foram invertidos, hoje são mais de 97% dos professores indígenas.



**Imagem 7:** Escola Estadual Indígena José Luciano da Aldeia Caldeirão. Fotografia do autor. 2014.

Na grade curricular das escolas indígenas entra a disciplina cultura e arte Pankararu, onde vai ser ensinado a fazer os artesanatos nas escolas com as seguintes matérias primas: barro, madeira, palha de bananeira, palha de licuri, cipó etc. Com esses materiais os alunos aprendem a fazer pote, prato, campião, brincos, colar, esteiras, vassouras, chapéu, cestos. Além desses trabalhos, dançam o toré na sala de aula (dança tradicional) e alguns tuantes (cântico) específicos de alguns rituais sagrados Pankararu. Os professores são escolhidos pela comunidade ou indicado pela coordenação e direção das escolas. Contudo, eles além de dominar essas artes específicas devem ter jeito para trabalhar com crianças, jovens e adultos. Não só as atividades específicas são trabalhadas nas escolas, mas fora dela também, através de projetos específicos, são realizados jogos indígenas Pankararu para estimular atividades diferenciados das aldeias ou da região como corrida de maracá, corrida de pote na cabeça, corrida de frecho (maço) de lenha na cabeça, flechamento do imbu, jogar lança etc. Atualmente segundo a coordenação das escolas do território Pankararu temos 2800 mil alunos do fundamental I ao ensino médio divididos nas treze escolas.

A normatização das escolas para além da educação básica no dia 13 de janeiro de 2016 com as portarias 68 a 79 contidas no diário oficial de Pernambuco publicadas do dia 12 de janeiro de 2016 nas páginas 8 e 9, regulariza, além da educação básica que vai até o ensino médio significando nas escolas que não eram regularizadas. Um avanço para as escolas indígenas que passam a ser reconhecidas pelo MEC, pois antes disso os alunos dessas instituições de ensino tinha dificuldades para ser aceitos nas escolas das cidades, também na matrícula de cursos superiores. Isto significa muito para nós professores e alunos, pois antes todo o corpo das escolas indígenas era constrangido por não ser reconhecidos.

Conforme indica José da Cruz, Coordenador geral das escolas do território Pankararu, há desafios a serem enfrentados:

Podemos citar o reconhecimento da categoria dos professores indígenas de Pernambuco, o currículo específico. Uma política específica de transportes indígena, efetivação dos professores indígenas seja, por meio de concurso específico ou outra maneira, e fortalecer o processo de lutas e direitos pela demarcação das terras, pensar num projeto de futuro do bem viver pra nossa nação. (José da Cruz, 2016)

Mas, também houve mudanças importantes:

Eu entendo que o compromisso aumentou por parte de todos, até porque a Normatização foi um processo de luta e construção num processo de afirmação da autonomia e identidade étnica. Vejo que essa construção da

Normatização, vem reforçar qui temos escolas oficiais, porém um sistema qui ainda não atende nossas especificações, mas por outro lado, estamos usando nossos espaços pra aplicar nossa formas própria de ensinar e aprender num diálogo com os mais velhos, contextualizado no convívio da aldeia. (José da Cruz, 2016).

As primeiras escolas do território Pankararu foram construídas, ainda, no início da década de 40, pelo SPI. Foram as escolas Dr. Carlos Estevão, essa é uma homenagem feita a ao antropólogo que fez o reconhecimento dos Pankararu na década de 40 e a escola Marechal Rondon na aldeia Serrinha. Esse tem sua história com os índios do Norte. Depois com o crescimento da população outras 11 escolas foram feitas pelos Municípios de Petrolândia, Tacaratu e Jatobá. Todas essas escolas, mesmo, pertencendo a um povo têm suas particularidades. Aqui trabalho há três anos como professor, na aldeia Caldeirão, com 180 alunos do fundamental I ao Ensino Médio. Nessa terra indígena mora famílias de índios e não índios. Por ser uma área de retomada há pouco tempo, há vários conflitos. Mas, temos que trabalhar essa especificidade junto com as nossas, pois todos têm o direito a educação perante a Constituição Federal e respeitamos isso como forma de cidadãos com ética e democracia para que respeitem as nossas diferenças também.

Dentro das nossas especificidades, temos o (PPP) Projeto Político Pedagógico para todas as escolas, voltado para valorização da cultura Pankararu com abertura para trabalhar as diferenças existentes no nosso território, exemplo, aldeias que moram índios e não índios, pois a FUNAI e governo por meio do Ministério da Justiça Federal estão demorando muito. A questão da terra é prioridade para nosso povo. Isso gera um desconforto para nós índios.

No PPP do território de Pankararu temos o nosso currículo específico onde planejamos dentro de 5 eixos temáticos com conteúdos referentes a um tema do povo Pankararu, intercalando com outros conteúdos que cabe em cada disciplina onde entra a interculturalidade. Exemplo, a da primeira Unidade desse ano de 2016 foi às corridas do imbu, esse tema deve ser desenvolvido nos cinco eixos: Terra, Identidade, Interculturalidade, Organização, Língua e História. Os professores juntos vão condensar os conteúdos, o específico e o não específico de cada disciplina. Quando for à próxima unidade vai ser outro tema com base nas pedagogias Pankararu mesclando os conteúdos da escola. Há a seguinte estrutura: os procedimentos metodológicos; Objetivos a serem construído pelos alunos; e procedimentos avaliativos. Esse último tem uma parte livre, mais ainda, temos que fazer a prova de caráter escolar com questões dissertativas ou de múltiplas escolhas, isso como

exigência do Governo do Estado, e ainda, como método, parâmetro mecanizador, tecnicista, classificatório e celetista Paulo Freire (2003, p. 57).

No entanto, como o coordenador falou na entrevista temos muitas dificuldades a ser superadas, entre essas escritas acima, também o reconhecimento da categoria de professor indígena, o concurso específico para efetivação dos professores como garantia dos nossos direitos, a efetivação do curso de licenciatura intercultural para educadores indígenas de Pernambuco que, no momento, funciona apenas como projeto da (UFPE). Falta ainda, curso de pós-graduação para continuação das nossas pesquisas para atender nossas necessidades, assim, manter viva e fortalecer a memória de nossos ancestrais, dentro e fora das aldeias, nas escolas. Também criar mecanismos para aumentar a participação de professores indígenas para lecionar nos cursos acadêmicos. Dessa forma, poderemos avançar mais na ideia intercultural acadêmica, acontece, no entanto, ainda, se faz muito pouco a presença de índios professor nas universidades.

Além disso, em Pernambuco, não há notícias até o momento de professores Pankararu ou das outras nove etnias indígenas efetivados nos cursos superiores. Apenas há participação de professores indígenas participando como monitor na licenciatura para professores indígenas no polo de Caruaru PE. Nisso o MEC, o governo estadual, por meio da secretaria de educação, as Universidades, as lideranças indígenas, por essas, a tempo, teriam feito, têm que sentar, iniciar e amadurecer essa questão política, é uma necessidade, é uma dívida do país, do Estado com conosco, povos indígenas. Assim, diminuimos, gradualmente, os preconceitos em alguns setores protecionistas dentro das instituições Federais também. Ainda assim multiplicaremos as experiências indígenas e acadêmicas, como a criação das políticas públicas de cotas para índios e negros criado pelos últimos dois governos Federais com ascensão de índios médicos, advogados, professores, trabalhando em prol do povo indígena, mas no entanto, contestada pela classe média e a burguesia neocolonialista sedenta.

### **O museu-escola Pankararu**



**Imagem 8:** Aula no Museu Pankararu. Fotografia retirada do Facebook do povo Pankararu. Disponível em: <<https://www.facebook.com/pankararunet>>.

Há ainda dois espaços importantes: o museu Pankararu e a Casa de Memória Tronco Velho. O museu Pankararu foi criado em 2009 e tem seis metros de largura por dez de comprimento, feito de alvenaria com cobertura de telhas de barro. A função desse museu é de guardar a memória do povo Pankararu e fazer a história desse povo também. Para isso, foram coletados vários depoimentos de alguns dos mais velhos para exposição permanente e estão dentro à história da época de quando chegou os primeiros padres na aldeia para a catequização dos índios foram eles, padre Baltazar e Santa Clara que construíram a primeira capela de barro e cobertura de palha na aldeia num ponto que hoje é o cemitério dos Pankararu e outra igreja foi construída conhecida como o centro de toda demarcação de território Pankararu.

No museu há também fotos relíquias em preto e branco dos antepassados praticando o toré local. Ainda tem objetos antigos, utensílios usados no passado e hoje é pouco usado como o pote de barro, panela, peça de engenho feito para moer cana de açúcar para fazer garapa de cana usada para fazer mel e rapadura, herança dos coronéis de Tacararu. Mas, a garapa é usada até hoje nos rituais assim como a rapadura. Há também peças cerâmicas de barro, peças de madeira, objetos de palha de bananeira, de licuri, de sementes e de madeiras. O museu funciona de dia e à noite em parceria com as 12 escolas no território Pankararu, além dos alunos aprenderem nas salas de aula aprendem também a fazer artesanato e relembram a história dos mais velhos.

A casa de memória tronco velho Pankararu foi criada para homenagear o cacique João Binga que nos deixou em Janeiro de 2008, também para dá suporte com oficinas a jovens índios a pesquisa das nossas histórias com as lideranças mais velhas. Dessa forma poderemos guardar esses trabalhos para que jovens e adolescentes e futuras gerações possam realizar pesquisas e contribuam com a nossa história Pankararu. O idealizador desse projeto em julho de 2009, George Vasconcelos ressalta que as pesquisas são muito importante para nós povos indígenas foi por meio delas que o Antropólogo Carlos Estevão fez com que na época, o SPI nos reconhecesse como índios, depois surgiram outros pesquisadores como Arruti 1996, Renato Athias 2002 que também contribuíram muito com a afirmação do nosso reconhecimento no cenário nacional.

Um dos objetivos da casa de memória tronco velho segundo o idealizador do projeto, além de estimular os jovens a ser pesquisadores é que aqui seja um espaço para as pesquisas já realizadas em Pankararu como já está disponível vídeos, com gravações antigas da nossa cultura, como a corrida do imbu, menino do rancho e outras. Além disso, há também jornais com reportagens que trazem matéria dos costumes local, artigos científicos, artesanatos e muitas fotos dos nossos mais velhos que já nos deixaram e outros que continuam conosco. Também Vasconcelos conta que trouxe de volta por meio de pesquisa com os mais velhos a dança do búzio( uma dança que acontece no ritmo do toré e sons que sai da flauta feita de bambu), por isso não tem nada haver com o búzio do mar. Antes era muito praticado por nosso povo e depois com tempo foram deixando de praticar essas dança. Atualmente os jovens dançam nas escolas e fazem algumas apresentações fora da aldeia. Dessa forma a casa de memória tronco velho tem um papel muito importante para a valorização da cultura Pankararu, assim como outras instituições da etnia também.

### **Um pouco da minha escolarização e os objetivos dessa pesquisa**

Ainda no tempo de primário na aldeia, em que só havia até a antiga quarta série, no ano de 1985, já havia pequenas observações do fisiotipo indígena disseminado, ainda, pela literatura dos poetas que mais ficaram conhecidos. Entre outros, do romantismo, Gonçalves Dias e José de Alencar, esses tiveram influencias no estereotipo apresentado nos livros didáticos oferecidos pela então escola D. Carlos Estevão que fica na aldeia Brejo dos Padres onde moro Esses livros, os de história principalmente, apareciam os índios com uns brincos enormes nas orelhas, outros com umas talas de madeira nos lábios e umas pinturas diferente

pelo corpo. No entanto, a admiração era grande, às vezes, depois das aulas abria o livro e ficava viajando, imaginando um possível encontro daqueles magníficos índios e os Pankararu. Mas em uma imaginação de criança tomada por aquele livro, não sobraria nenhum Pankararu. Porque eles, os do livro, eram mais fortes, tinham um olhar agressivo, usavam flechas e lanças tão afiadas que eram capazes de matar uma onça.

No ano seguinte, os estudos eram na cidade de Tacaratu, pois na aldeia não havia a antiga quinta série. Como iria ser fantástico estudar em um lugar fora da aldeia, mesmo que saísse iluminado pela luz do sol escaldante e voltasse no escuro pelas varedas com grande risco de ser atacado por cobras. Ainda assim causava muita curiosidade. Quando novamente abria o livro de história lá estavam aqueles índios todos enfeitados novamente e os estudantes Pankararu que abriam aquele livro, tão diferente da nossa realidade, imaginávamos estar bem vestido e sem nenhuma pintura corporal. Com isso alguns alunos da cidade faziam um julgamento mencionando que na aldeia Brejo dos Padres não havia mais índios, pois eles não viam ninguém pelado, nem com algum tipo de adereço pelo corpo. Os Pankararu que estudavam lá se vestiam igualmente a eles. Além disso, não falavam por língua. Contudo, o título de *õcabocoö sebo*, cachaceiro continuava sendo destaque. Assim, de forma preconceituosa nos provocavam e nos diminuíaam perante seus mínimos conhecimentos.

No entanto, outras séries de estudos foram aparecendo, mais livros foram aparecendo, mas nos livros havia conteúdos repetidos, os índios do sertão do Rio São Francisco nunca apareciam na sua plenitude, aliás, de nenhuma forma. Só havia também uma língua a estudar, a falar, era a língua ~~correta~~ a língua portuguesa da escola, dos livros.

E a história da língua Pankararu, não existia? Nem mesmo palavras. Isso era muito perturbador e angustiante, machucava muito o nosso psicológico. Pois se existe um povo Pankararu, há também algum elemento que caracterizou ou que caracterize a comunicação antiga e atualmente desse povo. Pois, sabemos que nossos ancestrais não nasceram falando a língua portuguesa, essa foi imposta de forma muito bruta. Mas a forma de comunicação dos nossos mais velhos para onde foi? O quê de fato aconteceu com ela? As escolas não trabalhavam essa questão, não se pensava em diferentes formas de comunicação e o termo variedade linguística era algo desconhecido. Sendo assim, o entendimento de todos esses acontecimentos de apagamento da língua Pankararu era cada vez mais forte, se afirmava a cada momento nas nossas vidas.

Foram muitos anos de supremacia na política de dominação da língua portuguesa nas reservas indígenas do sertão, o silenciamento cultural, nas várias formas particulares de ser o

jeito de se expressar, de dançar o toré, de cantar os tuantes de existir em um mundo perverso onde as minorias são tentadas ao apagamento na sua plenitude da forma de ser.

Não ter materiais de vários gêneros escritos diferenciados impressos implica continuar absorvendo a ideia do colonizador, pois muitas vezes não percebemos suas intenções e sua legitimação. Por isso, a princípio, para a história contada pelo colonizador presente nos livros nas escolas há uma necessidade de dialogar com as pessoas mais velhas, os mais experientes da aldeia, ouvi-los atentamente sobre a história da língua dos seus pais, avós e bisavós, escutar atentamente suas narrativas. A partir disso, verificar se os vocábulos são totalmente da língua portuguesa e se há palavras Pankararu nas histórias.

Nesse sentido, um objetivo dessa pesquisa é mostrar por meio da história dos Pankararu que a língua não morre, que esse povo não perdeu a sua língua ancestral e que essas ideias de morte, de perda, de não saber mais ou de não ser mais índios é fruto da filosofia do pensamento colonizador que ficou enraizado em partes da sociedade brasileira. Um assunto é a elite que quer continuar no poder prosseguindo com sua intelectualidade dominadora que quer atestar o seu poder. Mas, não existe verdade absoluta em um país democrático escrito por só o lado do conquistador. Os conquistados deve ter voz para escrever as perdas, o silenciamento, os genocídios cometidos pelos invasores. Isto têm se iniciado nos últimos 15 anos dos 516 anos de invasão das terras indígenas. , pois os povos indígenas estão nas UNIVERSIDADES com seus conhecimentos milenares herdados bem antes do invasor europeu ter invadido os nossos territórios. Outra parte da sociedade brasileira que nos diminui são pessoas que não leem, não tem senso crítico construtivo, opinião própria positiva e passa a repetir a falacia da elite que está no poder.

A língua Pankararu continua viva igual a nós mesmos e é com ela que nos comunicamos, da nossa forma, nos lugares sagrados, nos terreiros, no poró, nas nossas moradias, nas roças em outros rituais seculares e nos espaços fechados aos não indígenas. Particularmente pertence a cada um dos muitos Pankararu. Assim, nosso idioma está presente no nosso dia a dia, embora muitos não percebam que ela está dentro de cada um de nós e dentro dos nossos momentos tradicionais da nossa comunidade. Devemos perceber todo o conjunto de particularidades que adquirimos e herdamos dos nossos ancestrais. Não podemos esquecer, também, que muitas das práticas presentes hoje no território Pankararu foram impostas como o cristianismo e uma variedade da língua portuguesa. Isso não há como negar, mas essa variedade ao longo dos 516 anos de história do Brasil sofreu muitas modificações entre várias etnias.



É nosso objetivo também esclarecer que a língua que falamos, dentro do nosso território, não é apenas a língua portuguesa pertencente a Portugal e que o nosso idioma Pankararu está cada dia mais presente em nossas comunicações e mais vivo do que muitos pensam, pois ao conversarmos uns com os outros sem perceber falamos algumas palavras Pankararu como poró, sarapó, gitó, campiô, quando vai se referir a crença Xumpunhun, Caximbal, Tipuká, Kontentá são uns dos deuses Pankararu, o próprio nome da nossa aldeia antes na década de 40, o primeiro nome PancarúóGeripancóóCacalancóóUmã- Canabrava-Tatuxí-de-Fulô, anos depois ficou Geripancó de Kalancó Pankararu, Atualmente todos esses nomes se reduziram a Pankarau. muitas outras o tempo todo e não percebemos que são palavras seculares dos nossos ancestrais deixadas para nós.

Precisamos saber que, quando pensamos que falamos somente a língua portuguesa, estamos dando poder a ela, fazendo a vontade dos colonizadores aumentando assim o seu poder. No entanto, esquecemos, diminuimos a história da nossa língua, isso, no entanto, dentro do contexto cultural Pankararu.

### **A invasão das terras e sua relação com a tentativa de apagamento da cultura e da língua Pankararu**

Estudar a história da língua Pankararu sempre será importante para a identidade desse povo guerreiro. Perdemos muitos direitos, como o de circular livremente entre as águas do rio São Francisco causada pelas construções das usinas hidrelétricas de Paulo Afonso e a de Itaparica, sendo que essas perdas são mais recentes dentro da linha histórica de perseguição indígena dentro do Brasil. A consequência disso são mais invasões no nosso território. Com isso menos espaços vamos ter para coletar nossos frutos nativos da caatinga, menos espaços para plantar, criar animais e pescar nas margens do Rio e isso está implicando numa série de mudanças nos hábitos dos Pankararu. A tentativa de apagamento da cultura desse povo não acontece só na forma verbal, mas também no que se refere à parte física e psicológica.

O silenciamento imposto pelos invasores era total, além de invadir e expulsar de nossas terras, eles tentaram fazer com que as diversas práticas culturais Pankararu fossem apagadas da história de Pernambuco, do Brasil e do mundo. No entanto, escrever a própria história é reconstruir um diálogo com as diversas publicações já existentes. Nós povos indígenas precisamos mostrar que é possível ser diferente sem destruir as diferenças existentes apresentando nossa versão. Por um lado, as escolas têm o dever de ensinar não só a variedade escrita que rege os documentos do país, isso como um lugar institucional onde mais

circula as regras formais do Estado de poder por outro lado, fazer com que a história da língua Pankararu se fortaleça a principio no contexto do nosso território.

A escola de alvenaria chegou em Pankararu ainda, na era SPI, de 1945, depois a FUNAI em 1967 passa de 1988, ano da elaboração da Constituição Federal, onde os índios vão ter um capítulo com seus direitos. E, especificamente oito anos depois, após muitas lutas e reivindicação é criada a Lei Federal 9394/96, alterada por outra pela Lei nº 11274/96 e especificamente citando os artigos 78 e 79, da lei Federal que responsabiliza o Estado a criar mecanismos que dê suporte as escolas indígenas a trabalhar o diferenciado, ou seja, práticas de um povo que a história dominante escondeu, tentou apagar e ainda resiste em reconhecer.

Com os direitos citados acima, as escolas começam a trabalhar o toré a língua indígena como um elemento que deve ser melhor pesquisado e estudado, porque tudo tem um começo. Mas que não são impedimentos par nenhuma manifestação. Há também uma pequena experiência particular com curso de língua inglesa escrita, orientado para alunos que estudam em escolas não indígenas o ENEM e outros vestibulares, contudo, isso acontece de forma esporádica. Também devemos saber que as principais obras científicas estão publicadas em inglês, francês e espanhol, Portanto não vejo nada de ruim em conhecer, uma variedade língua estrangeira. Mas, a sua? Qual é a sua? O que foi feito com ela? Durante o período de invasão por diferentes missões de opressão, continuará esquecida sem estar no vocabulário do povo, nas escolas, nos livros didáticos. A tendência é a história da língua Pankararu vai permanecer sem vida? Com isso a língua portuguesa continuar a reinar como absoluta absorvendo nossas histórias.

Antigamente só quem tinha acesso à leitura era o clero que estava próximo ao papa, não havia separação entre protestante e católico. Isso para que eles se mantivessem no poder. Passados muitos anos, há uma necessidade de ensinar os homens a ler, mas os homens ricos. Depois das grandes transformações a idade média ficou para trás. A era industrial precisa de pessoas qualificadas, precisa de pessoas que mexam nas máquinas é onde aparece a ideia de universalizar as escolas. Então, entram as classes sociais privilegiadas.

Nesse processo, surge o pensamento da língua padrão aparece por meio da leitura clássica da literatura. A partir disso, surge o pensamento de que o português bom é aquele escrito por esses clássicos e, por isso, surge à ideia de português padrão. Assim, a escrita vai ter muito poder e a variedade da língua padrão está associada a ela.

Sempre que estudei nas séries iniciais na aldeia a única língua que era ensinada pela professora era a portuguesa. Nas outras séries apareceu mais uma língua, a língua inglesa. Na aldeia eram poucas as histórias que falavam sobre a língua Pankararu. Uma vez ou outra

perdida, tio Genésio conta que sua mãe Maria Barbara tinha dois tios que só falava na língua, era õti Lopiö e outro. Mas, eles morreram e ninguém anotou nada. Era muito preconceito contra o índio, conta meu tio. Outras pessoas falavam João Moreno que morreu em 1979, pai de Antônio Moreno. Esse sabe algumas palavras. Ainda, nos anos 50, João moreno deixou 100 vocábulos, através de uma pesquisa feita por Hohental e divulgada alguns resultados sobre artigo de divulgação científica por RODRIGUES (2002a).

### **O desejo de revitalização da língua**

Em 2009 fui trabalhar como professor na aldeia Pataxó Águas Belas Extremo Sul da Bahia. Ao chegar à aldeia fiquei fascinado com aquela paisagem desse litoral, tudo verde. Na escola tinha aula na língua Pataxó, o patxôhã. O pensamento era só nas escolas de Pankararu.

No entanto, dentro do território Pankararu há muitas divergências com relação ao estudo da língua, isso dentro e fora das escolas, quando se refere ao próprio idioma. O discurso colonial ainda é muito forte. Alguns falam que não existe mais, que é invenção e até mesmo que é perda de tempo. Porém, no início do ano de 2015 surge uma proposta por parte da coordenadora pedagógica dos professores de arte indígena das escolas do território Pankararu, Rita de Cássia, para trabalhar a língua de origem tupi. Além disso, algumas iniciativas estão sendo realizadas para a revitalização da língua. Foi iniciado no museu Pankararu algumas aulas ou pode-se dizer experiências com palavras da língua de origem tupi e as escolas estão participando.

Foi no ano de 2012 que iniciei os estudos no curso específico de Línguas, artes e literatura para educadores indígenas, na Faculdade de Educação da UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais). Aqui vi a oportunidade para promover o desenvolvimento de uma pesquisa que colabore na promoção de estímulos à produção de várias outras pesquisas sobre elementos que conduza a revitalização de vocábulos, para fortalecer a identidade Pankararu que na linha da história escrita pelo colonizador foi extinta. O exemplo disso é a língua Pankararu. Essa pesquisa pretende dialogar e se colocar numa linha do tempo entre passado, presente e olhando para o futuro, observando os acontecimentos linguísticos como processos dinâmicos, que circulam o tempo todo (MAHER e CESAR, 2007). Foram mudanças que ocorreram com os Pankararu e não a morte.

Assim, como acontecem as mudanças no comportamento humano de determinada sociedade ou comunidade, nunca vão deixar de existir seja na língua, nas crenças, nas danças. Isso é um processo natural da espécie humana. Dessa forma, haverá uma transformação por

necessidade própria do povo ou por imposição. Porém, aconteceu com muitos povos indígenas da América, do Brasil e do sertão do São Francisco. Nós, Pankararu, foi por imposição da procura de ouro no rio São Francisco, a expansão do gado, da cana de açúcar, pela obrigação do cristianismo que até hoje depois de cinco séculos algumas religiões dessa origem, as mais radicais, ainda proíbem índios de praticar os costumes ancestrais e, por último, a burocracia da lei brasileira que existe, garante os direitos, mas que demora muito a funcionar nos territórios indígenas.

Estávamos na sala de aula no dia 25/09/2015 apresentando nossos pré-projetos quando a professora GORETE perguntou: ãe você, Luís, como vai ser a apresentação do seu percurso?ö. A resposta foi que a preocupação era muito grande, pois além da apresentação na banca acadêmica, há outra apresentação, no território Pankararu: para as lideranças e professores Pankararu. Esta pesquisa terá duplo julgamento, com dupla importância, para os dois seguimentos, para a Universidade e as aldeias. õQuem nesse mundo não é porta-voz de alguma coisa?ö (ANARI PATAXÓ, 2012, p.13). Dessa forma, para o bem de todos e, principalmente os jovens Pankararu, essa voz deve ter a grandeza da luta de resistência de todos os povos indígenas e seus aliados contra as várias formas de opressão, física e psicológica praticada pelos colonizadores no passado, mas que ainda impera a ideia de superioridade e propaga pensamentos preconceituosos nas várias camadas sociais do Brasil.

Por isso, cabe a cada estudante indígena e seus colaboradores, isso não importa a etnia e nem o curso de formação, mesmo que não mora na aldeia, mas deve lutar contra a falsa propaganda de muitas mídias estereotipadas, colonialistas que ainda tentam nos aprisionar em suas falsas verdades de que não temos mais cultura, não parecemos com índio de 500 anos atrás, não falamos mais a nossa língua ancestral. Mas a língua que falamos no sertão, na aldeia, a do nosso jeito, nas relações familiares, depois de várias imposições, distante do campo formal, tem um dono?

Portugal foi um país invasor, destruidor, de mais de 1000 línguas nativas, perseguidor, devorador, de múltiplas culturas nativas do Brasil e ainda na atualidade damos o nome a língua que falamos de língua portuguesa. Dessa forma, só reforçamos e damos poder às ideias colonialistas do Brasil. A língua falada hoje na etnia Pankararu é resultado de séculos de invasões, que envolve negros, colonizadores e vários povos indígenas, assim deve pertencer a quem está falando da forma que ela é.

## **Puxando os fios: um pouco da história da língua Pankararu**

A história da língua Pankararu não existia, nem mesmo palavras. Isso era muito perturbador e angustiante, machucava por demais. Se existe um povo Pankararu, há também algum elemento que caracterizou ou que caracterize a comunicação antiga e atualmente desse povo.

Sabemos que nossos ancestrais não nasceram falando a língua portuguesa. Essa língua foi imposta. Mas, a forma de comunicação dos nossos mais velhos para onde foi? Quando Carlos Estevão em 1937 chega em Pankararu, ele fala que aqui havia pelo menos três dialetos um diferente do outro na língua indígena. No entanto, o que realmente aconteceu com elas? As escolas não trabalhavam essa questão. Só ensinavam a língua portuguesa e depois o inglês. O termo variedade linguística precisa ser mais estudado por todos os professores das escolas Pankararu. Assim, a ideia de que a língua portuguesa padrão é mais bonita sobre as outras variedades faladas na comunidade diminuirá o seu poder com isso poderá facilitar o aprendizado da variedade escrita na escola. No dia 14 de fevereiro, domingo á tarde estava acontecendo o ritual das corridas do imbu já estavam no terreiro do araticun. No entanto estava sentado em baixo de um pé de mangueira, na casa de tia Socorro, então ela começou a contar que quando ela tinha 12 anos, seus pais e seus avós pescavam no rio São Francisco levavam casas de arapuá (abelha indígena) para pegar peixe. ó eles pegavam as casas da arapuá botavam nos õcassarö (cestos grande de cipó), em cima do jegue e caminhavam até o õbarrialeö, ó uma parte do rio são Francisco mais raso. ó lá eles pisavam com pedra e faziam o õtingiö para embebedar os peixes, então nos pegava com as mãos, seu pai era menino mergulhava e trazia o peixe na boca, (risos). A liderança João Goveia contou-me uma história assim também, ó nós Pankararu íamos õtinguajarö no rio.

Não é possível que o imperialismo da língua portuguesa tenha devorado por completo a língua de um povo tão grandioso e que está resistindo a várias formas de silenciamento cultural, na sua forma particular de se expressar, de existir em um mundo atualmente tão confuso. Possivelmente o que falta é o início de uma investigação ampla que não pare só nos livros, mas que tenha a participação da voz do povo Pankararu, para modificar as histórias dos livros que entram nas nossas escolas e não condiz com a realidade Pankararu. Precisamos pesquisar sobre a história da língua indígena para que a língua portuguesa e a língua inglesa não sejam as únicas línguas ensinadas nas nossas escolas, precisamos trabalhar para que a língua indígena da história Pankararu tenha o mesmo espaço que o português tem atualmente.

Quando em escolas indígenas não se trabalha a história da língua do seu povo corre o risco de não entender o que houve com os nossos antepassados em outros tempos sombrios, e mais ainda corremos o risco de repetir as ideias colonialistas. Um acontecimento que merece reflexão refere-se à reportagem de Roberto Cabrini exibida no canal de televisão (SBT) no dia 18 de setembro de 2013. Era uma reportagem sobre trabalho escravo que envolvia alguns trabalhadores Pankararu e alguns serviçais da cidade. Cabrini estava rodeado de crianças, uns com celular nas mãos, assim ele pergunta: ó vocês sabem falar a língua Pankararu? As crianças que estavam todas sorridentes e alegres silenciaram. Depois ele fala ãos Pankararu esqueceram sua língua pelas tecnologias do homem brancoö.

Conhecer é uma possibilidade de nós nos fortalecer mais ainda com relação ao movimento de práticas culturais que circulam o tempo todo entre nós. O saber da história dos Pankararu também vai fazer com que entendamos o porquê do poder da língua portuguesa durante anos nas nossas escolas e o que deveremos fazer para praticar a comunicação com os vocábulos que nos restaram.

### **Os Pankararu e o rio São Francisco: território, língua e contato**

Para descrever a história da língua do povo Pankararu é necessário entrar nos acontecimentos de invasão dos exploradores portugueses no sertão do rio São Francisco em 1572 que vão ser interrompidos pelos holandeses em 1630 que tomam todo lado esquerdo do rio São Francisco até o distrito de Paulo Afonso, BA, hoje emancipada cidade, atualmente fica a 80 km da terra Pankararu em Pernambuco. Só em 1654 é que os holandeses são expulsos das terras e das ilhas do rio São Francisco. A partir de 1667 há um apelo do rei para que os bandeirantes intensificassem a procura por ouro e pedras preciosas no rio São Francisco. Seria muito fácil se nessas águas não morassem várias etnias com costumes, línguas diferentes umas das outras. Os nativos resistiram com honra para defender o território e seus costumes. O governo de Portugal chama-os de hostis, brutos, mas quem no mundo não reagia em defesa de sua vida, de sua família? Essa reação a invasão desencadeou na guerra dos õbárbarosö, o rei de Portugal se inspira na guerra santa contra os infiéis Mouros, manda fazer a guerra justa. Tudo isso era justificado pela ação dos ataques dos índios hostis. Dessas guerras, a mais longa segundo historiadores, foi a confederação dos Cariris que durou 10 anos tendo início no Rio Grande do Norte, em 1664 e estendendo-se pela Paraíba, Ceará e Pernambuco que durou a até 1702. Depois ainda aparecem novas resistências indígenas onde treze anos depois, sob o argumento de uma nova confederação reunindo agora os índios chamados de manso que eram

na época os Xucuru, Patió, Xocó, Guegues, Umans, Caratéus e Pepans. Em 1715 o vice rei manda fazer guerra a todos os índios contrários à coroa portuguesa. De fato, a coroa portuguesa queria acabar com tudo.

A diversidade das línguas indígenas no Brasil, no entanto, era um colossal. O adjetivo aumentativo grande se transforma em pequeno diante dessa multipluralidade linguística que um dia vivia entre os povos nativos desse país. Segundo o professor Bessa, eram mais de 1300 línguas indígenas faladas no Brasil, o Império Português destruiu 1000 línguas.

Na costa atlântica<sup>1</sup> uma das línguas a ser escolhida para cristianizar os índios foi a dos Tupinambá e Tupinikim que naquele contexto de caça as almas e escravos utilizavam a comunicação de um povo para devorar as línguas de outras etnias. Essa forma de trabalho foi muito intensa, criaram-se três gramáticas na costa atlântica do Brasil que alcançava o rio São Francisco ao litoral do Rio de Janeiro. A primeira e mais conhecida da história nacional, foi elaborada no século XVI pelo catequizador José de Anchieta, 1595. A segunda foi criada por Figueira, da língua Kariri, ano de 1621, e a terceira, em 1699, da língua Mamiani, escrita por Padre Manuel Viegas, com o auxílio do religioso Anchieta, mas pouco conhecida ou talvez provavelmente não exista mais em terras brasileiras, quem sabe no museu do Vaticano?

A gramática elaborada por Viegas e Anchieta foi perdida junto com outros manuscritos, os Tupinambá e Kiriri, ambas foram publicadas no século XVI e XVII, resistiram e foram reeditadas ainda no final do século XVII, assim como a de Figueira, as do Padre Anchieta e Mamiane, século XIX, mas as de Viegas não tiveram a mesma sorte. Por não serem publicadas acabaram sumindo junto com outros documentos da cultura indígena. Da mesma forma, o dicionário Kariri elaborado por um Padre João de Barros, também, até os dias atuais não há notícias. Com o mesmo fim, destinou o trabalho dos capuchinhos Franceses que no século XVII e XVIII atuaram no rio São Francisco junto com o povo aparentando ser muito próximo dos Kariri, o povo dzubukuá, pois nessa língua um religioso com o nome de Frei Bernardo escreveu um catecismo em 1709. Salvo a todos esses trabalhos dos religiosos, restou alguns manuscritos dos Tupinambá que deve ser bem útil para os primogênitos desse povo.

Possivelmente esses trabalhos escritos com finalidades puramente religiosas e servisais em línguas indígenas dos séculos XVI ao XIX foram em idiomas que tinha um número muito significativo de nativos falantes, pois ficaria menos difícil chegar até outros

---

<sup>1</sup> Essas informações sobre as gramáticas dos índios que viviam na costa atlântica foi retirada de RODRIGUES 1993.

povos menores. Assim introduzindo o cristianismo, da mesma forma apagavam muitas línguas das minorias falantes.

Esse tipo de trabalho, embora tenha se desenvolvido através de perdas de idiomas nativos, teve um impacto muito grande na comunicação nacional, chegando ao auge máximo de oferecer ameaças ao trono português, que por sua vez com medo de perder território sobre as muitas riquezas em abundâncias existentes aqui como pedras preciosas e produtos primários da extensão territorial dos nativos que na época disponibilizavam para manter suas múltiplas culturas, passam nesse momento de forma obrigatória a servir a corte portuguesa no continente Europeu. Enquanto aqui muitos donos dessa terra até hoje pouco desfrutaram do que restou dos invasores. Diante dessa ameaça, o ãNheengatuö, língua falada pelos índios e colonos o õreiö de Portugal elege Marquês de Pombal. Muitos têm seu nome conhecido nos livros de história que estão em muitas escolas, até mesmo infelizmente em algumas das escolas indígenas na versão colonizadora. Com sua lei õpombalinaö em 1757, proíbe a língua geral desenvolvida, o Nheengatu, e expulsa os religiosos. O que não estava bom para línguas indígenas ficou pior, para os índios que já tinham contato com as missões religiosas. Após essa Lei de Pombal a seguinte situação era nem a língua geral de origem tupi, o ãNheengatuö, nem o idioma falado antes dos religiosos, só a de origem portuguesa.

Nessa época entramos num retrocesso comunicativo da ignorância e arrogância ou puro medo diante da grandeza e da diversidade existente nas línguas nativas. Além de roubarem a riqueza material dos nativos e de iniciar o processo de destruição da natureza, houve o silenciamento de muitas línguas, na época era de 1200 a 1300 línguas, segundo os estudiosos das línguas indígenas do Brasil.

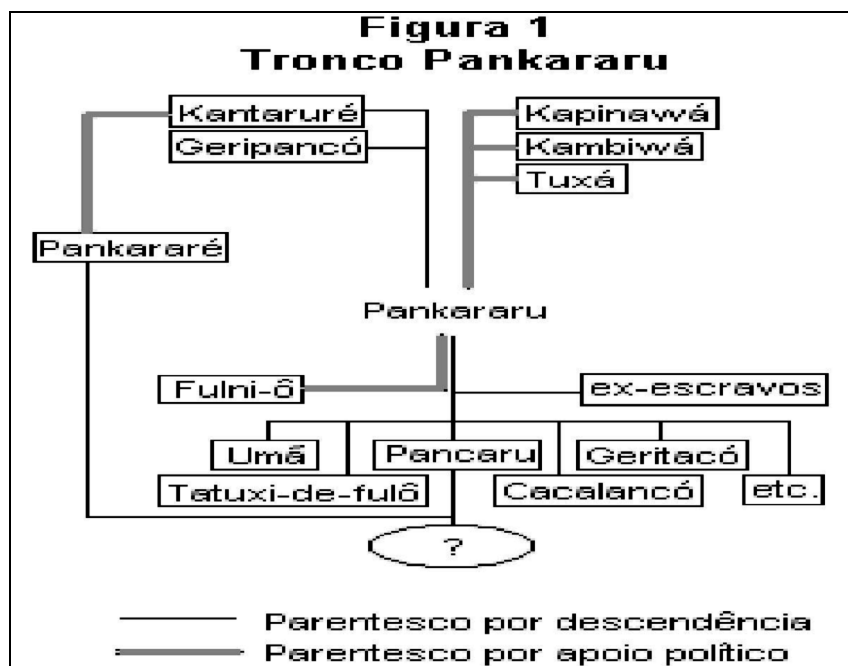
Como se isso não fosse o bastante, em 1750, Pombal cria a lei de terras que todas as aldeias deveriam ser ocupadas a fim de nacionalizar todos os índios que escaparam da guerra, assim poderiam virar bons empregados para cuidar das fazendas de cana de açúcar e de gado. Dessa forma, os índios iriam esquecer de seus rituais próprios e integrariam aos cidadãos nacionais e produzir riqueza aos administradores da coroa portuguesa. Foi no meio dessa truculência condenados ao desaparecimento que se ouve a primeira vez o nome de Pankararu.

É numa situação que revela a passagem as estratégias de conversão e de mistura, que os primeiros registros do etnônimo Pankararu foram localizados, num levantamento realizado por Hohental (1960). Num relatório do ano de 1702, referente à aldeia de N. S. do Ó, organizada por missionários jesuítas na Ilha de Sorobabé, rio São Francisco, este pesquisador encontra a primeira referência ao etnônimo, os õPancararusö que são citados õjunto aõ outros três grupos, os Kararúzes (ou Cararús), os Tacaruruba e os Porús (ARRUTI, 1996, p. 24).



O argumento que os colonizadores arrumavam na época, e por incrível que pareça, são os mesmos de hoje, que havia poucos índios para várias aldeias. No entanto, era necessário juntar os índios para diminuir seus espaços e ocupar suas terras para o plantio e a expansão do gado. Embora tudo isso os índios não deixavam de praticar seus rituais sagrados nas terras, pois como se percebe esses fatores citados no texto anteriormente identifica a forma, o ambiente e o clima de tensão, de perseguição, escravização e imposição do cristianismo que aparece o Pankarusö, fadados e condenados ao desaparecimento por meios de estratégias escravistas.

Nesse mesmo ano de 1702, são encontrados os Pankararu e os Porú em Nossa Senhora do Belém, atual cidade Belém do São Francisco, que fica a 480 km do Recife, quando apenas em 1802 é que por meio de documentos oratórios que descobre um quarto aldeamento na serra da Borborema ou serra grande, administrado por Beato Serafim. Era um juntamento dos Pankararú e Porú com outros grupos identificados como Uman, Vouve e Jeritacó (ARRUTE) p. 24)



**Imagem 9:** Figura retirada da pesquisa de mestrado de José Mauricio Arruti (1996, p. 25).

A igreja católica na época, de modo simultâneo com o governo, queria formar mão de obra abundante para vila de Tacaratu, hoje cidade emancipada em 1954. Foi o primeiro aldeamento dos Pankararu e Porú. Depois anos adiante pelo plantio da cana de açúcar são obrigados a descerem as serras por varedas (caminho estreito) e acidentados. Estavam retornando em direção ao rio São Francisco, ao descer as serras viram águas descendo de

bicas e cachoeiras e lá resolveram ficar, dessa forma, formaram a aldeia Brejo dos Padres que em seguida vão ser, junto com índios trazidos pelas missões de Curral dos Bois, lugar que fica na beira do rio, hoje cidade de Gloria, BA.

Chegando nesse lugar começaram a fazer pequenas roças nas terras embrejadas, caçavam e coletavam muitas frutas silvestres uma delas o imbu símbolo de uma das tradições de Pankararu. No entanto, como se não fosse pouco desce de Petrolândia para Tacaratu um homem que ficou conhecido como Cavalcante, representante do partido conservador, junta com mais dois donos de engenho Pedro de Catarina e mais outro, arrumam uma tropa de jagunços e invadem as terras da área molhadas da aldeia e vão criar as linhas. As linhas são as divisões de terra que o Cavalcante vai fazer: media três braças colocava um índio, mais três braças colocava um ex-escravo e mais três braças colocava um jagunço. Observamos aqui o que ele fez foi criar ambiente de briga. Contudo, aquela família que brigasse ele retirava e mandava embora e ficava com a terra, mas só quem foi expulso foram as famílias Pankararu. Além disso, foram embora também porque Cavalcante pegava as moças e as mulheres dos índios à força. Aquele que reclamasse, ele mandava os jagunços amarrar e chicoteava. Dessa forma, muitas delas saíram da aldeia e ganharam o sertão para formar outras aldeias longe de Cavalcante. Uns Pankararu vendo suas famílias sendo destruídas, se reuniram e foram para caatinga, ficaram isolados de todos. Muitos dias fumando cachimbo e tomando água de jurema (planta típica do nordeste) até à noite, que veio o sonho. Sonharam que eles iriam se livrar do Cavalcante, mas eles não voltavam mais para a aldeia. Então, foram os três índios até a casa de Cavalcante em Petrolândia, bateram na porta, a filha dele veio abrir. E eles ôvã chamar seu paiö. Quando veio, que foi bater ne um dos índios, outro deu um golpe com uma viana na barriga. Foi o fim de Cavalcante. Os índios foram perseguidos pela polícia até uma serra próxima da aldeia onde entraram numa gruta e ninguém nunca mais os viu.

Esta história Pankararu me faz trazer uma fala da professora Gorete na aula do dia 13/05/2015: òLíngua está junto com a história de um povo, dentro do processo histórico, mesmo que esse povo use a língua portuguesa para preencher: sujeito, verbo e objeto ela é uma línguaö. É importante falar aqui porque o conceito de língua estruturalista não se aplica a essa realidade, pois é irrelevante falar da língua dos Pankararu sem que a história esteja junto, seria a negação ou tentar apagar provas de um crime de um mal feitor.

O multiculturalismo que caracteriza a nova ordem mundial crescente heterogeneidade das sociedades devido a intensificação das migrações interétnicas e interculturais não permitem mais fechar os olhos para o fato de que as culturas não são monolíticas e estáticas e que, por isso, não há como trabalhar como noções de identidades culturais mumificadas. Além disso,

como a cultura não é só pensada, mas também vivida, significações são continuamente avaliadas e transformadas pela ação humana. (MAHER, 2007, p. 88).

Vejam aqui quantas transformações aconteceram ao longo da história que envolveram os índios do sertão, isso se fez não pela ação natural do tempo, mas pelas vontades, desejos e ideais e imposição colonialista seja de caráter religioso ou de uma ideologia exploradora ou exterminadora e genocida. Como negar que as culturas não mudam? Os Pankararu são resultado dos acontecimentos que os envolveram os de hoje são bem diferentes, as necessidades, os contatos ou ajuntamentos imposto à força, à sangue no passado, hoje nem tanto assim, mas acontece por uma necessidade social de trabalhar em outra região. Quem não sofre influência externa atualmente? Umas são boas, outras são más e nesse meio está a língua.

No entanto, de outra forma, mais humana, em defesa da vida, observamos o tamanho da grandeza das múltiplas e diversidades étnicas juntas e que mesmo aprisionadas lutaram para enriquecer o sertão do rio São Francisco com suas várias danças como o toré, uma dança em círculo batendo o pé no chão, balançando o maracá, cantando os tuantes (cânticos), esses são os costumes culturais. Além desse tronco, os mais velhos contam que alguns Pankararu vieram por meio de uma separação familiar de *õCurral dos bois<sup>2</sup> õ*, hoje cidade de Gloria.

Dessa forma, nesse processo de ajuntamento de várias etnias indígenas, vários costumes eram modificados, entre eles, a língua indígena que se transformavam em uma, duas, ou três como fala( OLIVEIRA, 1942) *õ* se referindo aos Pankararu na aldeia Brejo dos Padres *õ*que ali há pelo menos três dialetos de povos diferentes*õ*. Porém, não dá nomes aos dialetos aqui existentes, procuremos entender a falta de nomes hoje, pois ele não andava catalogando línguas nativas. Como antropólogo da época, procurava ossadas humanas para provar a o reconhecimento dos nativos ali existentes. Isso mostra a grandeza de um povo, pois diante de tantas perseguições sofridas, ainda, assim, no ano de 1937 o antropólogo fala desses três dialetos. Fica a imaginação se nesse mesmo período ele estivesse acompanhado de um linguista que olhasse para todo o conjunto sociohistórico dos Pankararu.

A cachoeira de Itaparica e o ossuário indígena de *õreal* valor científico*õ* estão localizados dentro de uma gruta ou caverna, lugar que tem o nome de Serra do Padre, que pertence a Jatobá, PE, a 15km da aldeia Brejo e dos Padres e 512 km do Recife. Essa serra é

---

<sup>2</sup> Hoje conhecida como a cidade de nova Gloria. BA. Os Pankararu de brejo dos padres levavam seus produtos rurais para vender lá. Tio geneso de 66 anos hoje aposentado como eletricitista montador de turbina, mas na sua infância levava dois litros de leite para vender nessa feira para poder pegar num trocado conta. E outras com as frutas e farinha no lombo de jegue e até mesmo na cabeça.

bem conhecida na região porque segundo a história já bem conhecida na região e contada pelos mais velhos de Pankararu, Um padre que carregou uma moça no Estado do Piauí e fugindo de seus perseguidores se esconderam dentro da gruta e foram queimados pelos seus opositores. É por meio dessa história contada por um homem que trabalhava na roça próxima a gruta que fez com que Carlos Estevão de Oliveira suba e descubra um cemitério de ossos todos queimados e junto deles havia adornos de madeiras, animais e pedras que comparou aos costumes de algumas etnias da Amazônia e descartou a possibilidade de ser de famílias europeias.

Foi exatamente daqui de dentro da gruta, conhecida também como o ossuário indígena que OLIVEIRA (1937), chama de ãdescoberta toda filha do acasoö ARRUTI<sup>3</sup>, (1996, P.41), chama de õtermo poéticoö pois, partindo de uma analogia poética literária de um contexto histórico é que anos mais tarde, 1941, os Pankararu recebem as primeiras visitas do SPI e, em 1967, da (FUNAI), assim iniciaram o processo de reconhecimento da demarcação do território Pankararu e ao mesmo tempo vamos entendendo a história da língua dos Pankararu.

Para compreender a situação do idioma Pankararu é preciso voltar no tempo onde vamos conhecer as alianças e ajuntamentos indígenas com os possíveis empréstimos e transformação da língua indígena Pankararu. Os ajuntamentos foram obrigatórios pela situação de contexto puramente escravista, de caráter físico e psicológico, escrevo esse último aqui porque após cinco séculos de colonização ainda acreditamos falar o português puro. (Na época não havia escolha quem não aceitasse era morto pelos caçadores de ouro no rio São Francisco (ARRUTE 1996, p. 18). Depois pela expansão de cana de açúcar e a criação de gado. Quem conseguisse escapar a esse genocídio causado pelos colonialistas portugueses, iria ter direito a meia (metade) alma, Lei papal de 1560, nas condições de caçado também pelas missões religiosas, os jesuítas, capuchinhos, oratorianos e franciscanos, mais por último foram os capuchinhos italianos que se instalaram no distrito da cachoeira de Paulo Afonso e em Nossa Senhora do Belém. Em suas expansões religiosas queriam transformá-los em cristãos, agricultores, criadores de gado e serviços domésticos. Assim poderiam dar notoriedade aos capuchinos e lucro a administração portuguesa.

No entanto, a língua, de certa forma, resistia. Essa mistura de línguas pelo contexto da época não era interessante para os religiosos, pois queriam seu trabalho facilitado e reconhecido pela administração do governo. Mas, para isso tentaram transformar várias línguas em uma. É o modelo assimilacionista de submersão (MAHER, 2007). Esse modelo

---

<sup>3</sup> José Mauricio Arruti, em 1996, faz um trabalho antropológico com os Pankararu 46 anos depois de Carlos Estevão de Oliveira.

apregoa a inclusão do aluno bilíngue em uma sala de aula monolíngue. Não tendo com que ele se comunica em sua língua materna ele é obrigado a deixar de falar e começa se comunicar na língua portuguesa. Essa forma de ensinar nas salas de aulas é que mais se aproxima do que aconteceu no ensinamento do cristianismo e da língua portuguesa aos Pankararu. Contudo, a história foi mais radical e trágica com consequências de perdas gigantescas para a diversidade indígena do sertão.

Dessa forma, os Pankararu sofreram tentativas de morte, de apagamento, de extinção. Por isso, não é possível separar a língua da história. A língua está ligada à história. As línguas não morrem, elas são dinâmicas, vivas, circulares, são transformadas na linha do tempo atendendo as necessidades de comunicação de cada povo, índios e não índios (CÉSAR E MAHER, 2007; GORETE NETO, 2009).

### **A voz do ancião mais antigo sobre a língua Pankararu**

Nesta parte, apresento uma entrevista com o ancião Antônio Moreno sobre a língua Pankararu. Antônio Moreno como é conhecido em todo território Pankararu é único índio vivo na aldeia que ainda guarda essas palavras na sua memória. Com relação à entrevista, ele responde com naturalidade. Não importa se o entrevistador é índio ou não, ele é bem espontâneo. Segundo ele disse, sabia mais palavras no tupi-guarani. No entanto, já com a saúde fragilizada, se esquece de muitas coisas. Antônio Moreno disse que aprendeu essas palavras com seu pai João Moreno, falecido no início dos anos 70, e que outras pessoas não aprenderam porque era muito preconceito, motivo até de õchacotaö. A sua esposa Antônia Morena confirma essa rejeição balançando a cabeça quando estávamos conversando: õ ê meu fi era muito preconceito, ninguém queria saber disso nãoö.



**Imagem 10:** Sr. Antônio Moreno. Fotografia do autor. 2016.

Entrevistando o Sr. Antônio Moreno, na Aldeia Brejo dos Padres, município de Tacaratu, Pernambuco.

**Luís:** como é seu nome?

**Antônio:** Antônio Moreno da Silva.

**Luís:** quantos anos?

**Antônio Moreno:** vou fazer 73.

**Luís:** o Sr. alcançou seu pai?

**Antônio Moreno:** arcancei, ele morreu ni 79.

**Luís:** era o caba que mais dominava a língua aqui?

**Antônio Moreno:** sobre a parti do tupi-guarani não tinha oto só eli.

**Luís:** Sr. Antônio quer dizer que aqui era o tupi-guarani?

**Antônio Moreno:** tupi-guarani.

**Luís:** o Sr. tava falando que a lua é o quê?

**Antônio Moreno:** a lua é jaci e o sol guaraci

**Luís:** e lua nova?

**Antônio Moreno:** katiti e ele cheia kairé.

**Luís:** e quando vai cumprimentar uma autoridade?

**Antônio Moreno:** Marubixaba a-pawva.

**Luís:** e menino o Sr. tem lembrança como se chama menino?

**Antônio Moreno:** mininu... adedui. Eu e minina: adêduá.

**Luís:** mulher...

**Antônio Moreno:** a muler kuiã... a mulher do cidadão, a mulher mudana kuiã mukú: essa é aquela a rapariga! (risos).

(MORENO, 2015).

Os vocábulos que sr. Antônio falou na entrevista também estão na entrevista que o linguista Wilbur Pickering fez nos anos 70 e que outro linguista Rodrigues publicou em seu artigo: *sobre as línguas indígenas do Brasil* no ano de 1976, ao todo são 100 palavras que ele publica.

Moreno como é conhecido, também fez muita viagem para Recife e Brasília para reivindicar a desocupação e demarcação da terra junto com outras lideranças como João Binga, Miguel Binga, Quitéria Binga E outros Pankararu.

As palavras faladas na entrevista, também contidas no artigo, são imemoriais, são muito ricas, nos diz muito sobre a história do nosso povo. Por um lado, denuncia as políticas linguísticas do Brasil que atentavam para o caminho do monolinguismo total, num desejo de formar uma nação com uma língua verbal única. Por outro lado, negar, apagar, silenciar as vozes ancestrais indígenas que são provas vivas dessa dívida que o país tem conosco. No tempo presente depende do povo Pankararu para quebrar barreiras do preconceito e fazer com que os vocábulos indígenas façam parte da nossa vida.

### **Algumas iniciativas da escola e do museu Pankararu para a revitalização linguística**

No ano de 2015, como bolsista do PIBID Diversidade, fui chamado para apresentar parte de minha pesquisa na Faculdade de Educação da UFMG junto com outros estudantes de outras etnias como Pataxó de Minas Gerais e da Bahia, Xacriabá de Minas Gerais e Guarani do Rio de Janeiro. Cada grupo de estudante de cada etnia apresentava sobre a cultura que estava pesquisando do seu povo. Eu apresentei sobre as atividades específicas de Pankararu que estavam sendo desenvolvidas na escola da Aldeia Caldeirão, onde trabalho. Além disso, já arrisquei a colocar algumas palavras no banner da apresentação em Pankararu, segundo as pesquisas do pesquisador linguista Wilbur Pickering colhida com o Índio João Moreno na década de 70.

A palavra foi ãabá umãõ que significa homem mais velho, pois, o banner apresentava a história dos mais velhos. Por isso, resolvi experimentar e os apreciadores da feira cultural me perguntavam o significado, assim como perguntavam aos meus colegas sobre os trabalhos deles também, nesse contexto nós aproveitávamos para falar da história do nosso povo, agora com o nosso olhar.

Retornando para aldeia Brejo dos Padres onde moro, minha esposa Elizabete falou que havia acontecido o planejamento da primeira e segunda unidade e que a coordenadora

pedagógica de artes indígenas orientou os professores a trabalhar a língua materna. Então fiquei muito interessado pelo assunto. Afinal este era o tema do meu projeto. No mesmo instante fui até a escola Pankararus onde estava a coordenadora Rita de Cássia, José da Cruz o coordenador geral e a coordenadora dessa escola Maria José (Maser). Pedi um momento do tempo deles, pois estavam muito ocupados. No entanto, foram muito simpáticos e prestativos e me deram atenção. Perguntei para os três como seria o ensino da língua indígena nas salas de aula e todos responderam pedagogicamente e, em especial Rita, que falou que tudo era novo para todos e que com o passar das atividades com a língua todos iriam se aperfeiçoando e aprendendo com o desenvolvimento das aulas e das pesquisas em andamento.

No dia onze de agosto de 2015, nós educadores e alunos do período noturno fomos convidados pela coordenadora pedagógica de arte e cultura Rita de Cássia a visitar o museu Pankararu para ter aula de uma língua indígena. Ao chegar ela falou da importância de estudar e aprender uma língua indígena e copiou na lousa para nós professores e alunos os vocábulos que estarão abaixo. Após isso, ela nos dividiu em grupos e pediu para que fizéssemos grupos e construíssemos frases com palavras de origem tupi e traduzíssemos para português, cada grupo fazia a leitura nas duas línguas para os outros e o trabalho foi muito divertido. Também ao final fizemos um círculo sentados em carteiras e Rita nomeou os participantes com os nomes dos animais em tupi num total que os membros tinham cinco nomes. Aqueles nomes dos animais que ela falava, levantava, e mudava de lugar quem ficasse sem cadeira para sentar, Rita falava uma palavra em tupi e quem ficou em pé traduzia, aquele que errasse pagava uma prenda para os demais. Foi muito alegre e contagiante, todos gostaram muito. Ao final a coordenadora pediu para fazer as atividades na escola e as enviassem para o Museu.

Na semana seguinte fizemos as atividades. Reunimos todos os alunos do período noturno, explicamos a importância das sequências dos trabalhos e depois enviamos as atividades de volta para o Museu.

No primeiro momento foi explanado por Rita de Cássia as perguntas quando nós índios Pankararu estamos fora da aldeia. Você é índio? Então fale alguma palavra na língua materna. Pensando nisso, ela falou da importância de iniciar um trabalho de resgate com as palavras da língua de origem tupi. Em um segundo momento ela escreveu algumas palavras do tronco tupi e em português, depois dividiu os alunos e professores em 4 grupos para formar frases em tupi em seguida quando todos fizeram cada membro dos grupos fazia a leitura das frases criadas. Foi um momento muito bom. No terceiro momento foi a vez do professor de cultura Manuel Torres escrever os números de um a dez na língua de origem tupi, após a escrita ele fez a leitura também. No quarto momento Rita de Cássia pediu para



que todos ficassem sentados em círculo e a cada um deu um nome na língua de origem tupi, a nome que ela falava tinha que levantar e mudar de cadeira quem ficasse sem a cadeira falava uma palavra indígena, caso a pessoa não lembrasse os outros participantes ajudavam. Foi um momento de muita descontração, de muita alegria, todos gostaram muito e finalizando cada um dos participantes deram seus depoimentos sobre essa experiência no museu.

Após essa etapa retornei alguns meses depois ao Museu Pankararu no dia 12/11/2015, para entrevistar Rita de Cássia coordenadora pedagógica dos Professores de arte indígena das escolas do território Pankararu e mais dois professores de arte: Manuel Torres e auxiliadora (Cila). Abaixo apresento a entrevista.

**Luis:** Por que vocês resolveram trazer a língua indígena para as escolas Pankararu?

**Rita:** porque havia uma grande necessidade dentro das nossas escolas os professores nunca tinha tido esse interesse, porque era professores não indígena, a partir de 2003 com a estadualização das escolas ne, então sendo todos os professores indígenas, então, houve uma mudança, não digo radical mais ouve uma mudança boa. então eu sempre tive um sonho ou seja de trabalhar a língua! Porque muitas vezes agente era pego de surpresa no ãcolejuõ, nas cidade nos cursos que agente estava fazendo de formação com outros povos e os únicos índios que falavam e falam fluentemente são os Funi-ô, então a parti daquele momento eu senti aquela necessidade. Até porque os próprios parente gostam de fazer pegadinha com a gente. de querer ser superior a todos os índios do nordeste por causa da sua língua. Nois iniciamos os trabalhos com as sementes, com a palha, barro, croá a madeira, depois quando terminar essas oficinas é que nós vamos trabalhar a questão da língua. Os professores de artes e cultura se comprometeram a pesquisar, o professor Manuel torres já tinha tido uma experiência com Antônio Moreno.

**Luis:** como é que tá sendo esse trabalho pedagógico com os alunos?

**Rita:** então o primeiro público alvo desse trabalho são os alunos e seus professores regente estão acompanhando, mas nós vamos trabalhar com os professores por modalidade.

**Luis:** e as pesquisas como estão sendo feitas essas pesquisas, tanto a de campo como as teóricas?

**Rita:** Com um dicionário que está nas mãos de Zé Urbano e das palavras de Antônio Moreno, da escrita do pai dele João Moreno.

**Luis:** quem são as pessoas que ainda falam?

**Rita:** acredito que Antônio Moreno, João Goveia e Zé Urbano, o veio Manezinho morreu, mas õtenhiõ alguma coisa gravada dele. Então no momento essas quatro pessoas estão sendo essa base.

**Luis:** como você ver a participação da liderança Pankararu na participação da revitalização da língua Pankararu?

**Rita:** eu entendo que todas as pessoas que contribuí diretamente ou indiretamente são lideranças.

**Luis:** aqui pesquisa vocês estão se agarrando para desenvolver esse trabalho?

**Rita:** o dicionário de Gonçalves dias, a pesquisa de Wilbur Pickering nos anos 70 que ele faz com João Moreno que nós vimos que é mesma questão da língua tupi, entendi também que esses dois tanto Gonçalves dias como Wilbur Pickering disseram ter no nordeste as línguas tupi, Gê, mais também a Cariri. Então nós respeitamos muito o que João Moreno falava e acreditamos ser da mesma família nossa.

**Luis:** Diante do que vocês já pesquisaram já dá para falar se Pankararu já tem uma língua indígena hoje?

**Rita:** não dá porque nada está pronto e acabado e ninguém sabe de tudo a gente sempre está em processo aprendendo, o que nós precisamos é de uma linguística para fazer nosso material didático.

**Luis:** você acredita que a língua indígena trabalhada hoje pode ter o mesmo espaço da língua portuguesa nas escolas Pankararu?

**Rita:** eu acredito muito no potencial dos nossos educadores e dos nossos educandos que sim.

**Luis:** Manuel Torres como é que está sendo seu trabalho com os alunos?

Manuel: Bem eu como professor sinto que é meio complicado essa parte da língua é tipo um o inglês é muito difícil de cara quando você ver a língua você diz a eu não vou aprender, mais o momento que a gente estamos aprendendo a língua ela já vai abrindo a cabeça dos alunos e eles vão querendo cada vez mais é tanto que a gente fica feliz, quando acaba a aula os alunos não querem que acabe a aula. Quer õqui continuiö, mas já venceu o horário aí quer õquiö marque para outro dia, quer õquiö der continuidade então isso aí deixa a gente muito feliz.

**Luis:** e você Maria Auxiliadora como está sendo a sua contribuição?

**Maria Auxiliadora:** bem meu colega falou é difícil õquiö a genti somos professores de arte indígena, nós estamos acostumados a trabalhar com grande õdesafiusö que é o barro, a madeira, com os õcoroásö, mas as crianças estão gostando muito quando õa gentiö chega na escola eles já vem recebendo a gente na língua! Já vem falando... é muito rico quando eu encontro uma criança ele já vem falando: catuará, cuin porangá. Isso ai já uma alegria porque ele já vem falando na língua e eu quero que continue.

(CÁSSIA, Rita; TORRES, Manoel; AUXILIADORA, Maria. 2015).

Essa entrevista eu fiz com os três educadores no Museu Pankararu, pois seus trabalhos de campo, de pesquisas teóricas se concentram aqui eles dividem as experiências antes de realizar o trabalho pedagógico com a língua indígena em curso de pesquisa. Após isso,

também, são marcados os dias, os horários em que as 12 escolas do território podem trazer seus alunos, dividido por períodos: Matutino, Vespertino, e noturno, os professores de cada ciclo estudantil como Fundamental: I, Fundamental: II e Ensino Médio. São responsáveis pelas atividades propostas quando retornam às escolas acompanham os alunos para conhecer e fazer os trabalhos juntos. Abaixo estão as atividades realizadas no Museu com as palavras da língua de origem tupi segundo as pesquisas feitas por Rita e os professores dessa entrevista.

Bom dia: katuará  
 Boa tarde: katukaruca  
 Boa noite katupituna  
 Beijo/ beijar: pitera  
 Menino: adeduar  
 Arime, Arieta: filho  
 Deus :Tupã  
 Mãe: Zá  
 Bonito(a) poranga  
 Lua: zaci  
 Sol: quaraci  
 Arieta filho/filha  
 Amor: paraboassara  
 Ku-in: mulher  
 cuã  
 Pronomes em tupi  
 Sé: eu/ seu/ meu  
 Ndé- Tu  
 Ayé- ele/ela  
 Pené: você/ vós  
 Kwá- este/ esta

#### Frases

Sé soi paxikararuy: eu sou Pankararu  
 Sé paiá i abá: meu pai é homem  
 Ndé i porangá: tu é bonito (a)  
 Pené i sé rarieta: você é meu filho  
 Abá poxi: homem feio  
 Sé takui i gasú: Seu nariz é grande  
 Sé kuin i poranga: minha mulher é bonita.  
 Sé soi di tabá: eu sou da aldeia  
 Sé soí dí ubarana di ubaré: eu sou do brejo dos padres  
 Palavras na língua tupi  
 Catu: Bom  
 Ará: Dia  
 Caruca- Tarde  
 Pitunã: Noite  
 Rarieta: Filho  
 Mali: Furou  
 Kuin mulher  
 Catutenhé: muito  
 Porangá: Bonito (a)  
 Mokinkyá: Orelha

Abá: Homem  
 Poxí: feio  
 Guyguy: Sangue  
 Ubarana: Brejo  
 Ubaré: padre  
 Gasú: Grande:  
 Tsaká:/aance: Céu/  
 Kuaraci- Sol  
 Tupá: Deus  
 Natsaká: Feijão  
 Poé (poy): fumo  
 Toé: Fogo  
 Yby: Terra  
 Y: Água  
 Apicabá: Cadeira  
 Remé: erimbaé: quadro  
 Zá: Mãe  
 Ne E~I: Tchou ou até logo.  
 Meangá: Língua  
 Aytá: pedra  
 Catutenhé: muito  
 Upia katu asu: Coração  
 Pitera: Beijo  
 Potira: Flor  
 Porabussara: Amor

#### Os números na língua tupi

0- Guáte he-é- dé  
 1- Céne  
 2- Dúni  
 3- Cúmu  
 4- Rékai  
 5- Tôerá  
 6- Céne kaéra I-rá  
 7- Dúne kaéra I-rá  
 8- Cúmo kaéra I-rá  
 9- Re kai kaéra I-rá  
 10- Kinu I- irá

#### Animais

1- Beró- peba  
 2- Iaká raposa  
 3- Buzucú- tatú  
 4- Kikó- urubu  
 5- Bukó- veado  
 6- Itolokía- cachorro  
 7- Fikia- camaleão  
 8- Soá- lagarta  
 9- Zagwa: Onça  
 10- Fitsaká- cobra  
 11- Iandirá- morcego  
 12- Ateimã- preguiça  
 13- Coró- rato  
 14- Cunuaru: sapo  
 15- Mítuca- mutuca

- 16- Dariwdarin: cigarra
- 17- Fazu tamanduá
- 18- Aha- sim
- 19- Uhu: nã.

Além das palavras acima, podemos observar que há outros vocábulos sendo utilizados pelos Pankararu, conforme indica a Sr<sup>a</sup> Eliza Urbano Ramos, no dia 14 fevereiro de 2016.

**Luis:** Eliza há algumas pessoas em Pankararu que falam algumas palavras indígenas?

**Eliza:** sim nós mesmo utilizamos palavras indígenas exemplo campiô, então, essa palavra está incorporada no nosso vocabulário agente fala naturalmente e temos um intidimento, exemplo se eu chego aqui e digo Luis traga o campiô, então você traz, você sabe o que é. Outro exemplo maracá né! Muita genti chama ômarcaö e aí se alguém fala vá buscar uma ômarcaö e você vai então o importante que há o entendimento.

**Luis:** você quer dizer que muitas vezes nós Pankararu falamos palavras indígenas que nossos ancestrais falavam e que nós não percebemos.

**Eliza:** que elas está incorporada no nosso português, mas que são palavras indígenas.

**Luis:** você poderia citar alguém que falavam que fala essas palavras indígenas?

**Eliza:** agente costuma a dizer que são palavras soltas, acho que nós mesmo, acho que muitas vezes essas palavras são usadas nus nossos rituais, exemplo ôporóö faz parte do nosso cotidiano, do nosso dia a dia, sabemos que um espaço e não tem outra palavra pra utilizar em relação ao poró, é poró mesmo. Então agente pode dizer que essa palavra é nosso porque só existe aqui em Pankararu a existência do seu espaço aqui ele se destina o seu significado pertença a nós. Se outro povo tem esse espaço, mas já utilizam outro nome outras palavras.

**Luis:** você poderia dizer a origem dessas palavras?

**Eliza:** eu penso que essas palavras não imemoriais, nós não podemos datar se nossos antepassados se comunicavam na língua é tão nossa qui não tem tradução.

Cada ser humano tem uma história dentro de si, que vai completando outras histórias, isso de acordo com as experiências de vida através do contato com a leitura de livros literários, não literários e didáticos. Além disso, o contato com o outro fora do seu grupo de vivência que não participa dos mesmos hábitos do dia a dia e as políticas públicas faz com que nós manifeste com determinadas reações, desejos e sonhos. A sociedade brasileira não simpatizantes dos movimentos dos índios e de seus aliados e infelizmente até mesmo alguns índios, isso em todo o Brasil, quando se julgam ter mais cultura do que outros índios sempre procuram forma de descaracterizar seja na forma física ou psicológica aqueles que as ações

coloniais foram mais brutas com intenção de exterminar mesmo os Pankararu. No entanto, não fomos covardes, lutamos e demos a vida para que netos e bisnetos contassem as várias formas de suas resistências, sejam elas através das danças, cânticos, pinturas corporais etc.

No início da colonização queriam nos exterminar, para aqueles que sobreviveram integrar a sociedade ãnacionalö, para retirar a nossa cultura e nos últimos anos querem que nós apresentemos que ãaindaö temos uma ãculturaö de 500 anos atrás e nos pressionam a ter uma ãlínguaö, a usar um cocar ou uma pintura corporal se não for dessa forma não somos índios.

Contudo, é importante lembrar que cada etnia indígena contém sua complexidade existencial dentro de si mesma, umas independentes e diferentes das outras, mas que isso não diz que um índio é mais índio, ou melhor, que o outro. Assim o Brasil ainda desconhece as múltiplas diversidades e as especificidades de cada povo indígena.

Por tudo isso, escrevi acima para explicar o que está acontecendo hoje em Pankararu com relação não à língua, mas às línguas e às possibilidades de circulação de palavras como poró, jító no meio da variedade falada de origem portuguesa.

O trabalho realizado no museu Pankararu, junto com outras pesquisas que naturalmente vão aparecer apresenta uma das muitas possibilidades de enriquecimento no repertório da língua de comunicação dos Pankararu. Isso está acontecendo hoje por um processo, no geral, da necessidade do instinto do homem que tem essa necessidade de inventar, criar, reinventar e sonhar, isso é natural do ser humano. Não importa se uma boa parte dessas palavras sejam empréstimos de outras línguas.

### **Considerações finais: O desafio e persistência de escrever sobre a língua Pankararu**

Escrever sobre a língua dos Pankararu, como foi mencionado antes, é algo desafiador, além disso, necessita de muita persistência. Uso essas palavras como forma de estimular a construção do próprio caminho escolhido, perante as dificuldades de materiais escritos sobre a língua dos Pankararu deixada pelos pesquisadores antropólogos e linguistas a partir da década de 30 até os dias atuais. Quando o antropólogo Carlos Estevão chega no território Pankararu, identifica três línguas diferentes uma da outra, mas infelizmente não fala quais e nem registra e o mesmo chama na época de dialetos. No entanto, ele não toma nota e nem descreve essas três línguas, pois não era o seu objeto de estudo, como foi descrito antes. Depois dele, o que se sabe até o momento da construção dessa pesquisa é que um linguista Hohenthal, 1961, faz um ensaio sobre ãAS tribos indígenas do médio e baixo São Franciscoö; Pompeu Sobrinho escreve ãLínguas Tapuias desconhecidas no Nordeste, alguns vocabulários inéditosö; 1958.

No meio dessas ideias, o anunciado sempre foi o mesmo, que nunca foi possível dizer que os Pankararu têm uma língua ancestral, diferente da língua colonizadora. Com isso nunca houve o interesse de fazer novas pesquisas que objetivassem a afirmação de um idioma próprio ancestral. Entre esses povos de Pernambuco pesquisados estão os índios do território Pankararu, que sempre foram levados a condição de índios que não falam uma língua própria.

Porém, o objetivo nesse percurso não é discutir a existência ou não de uma língua pura ancestral entre os Pankararu. Procurei, no entanto, identificar e reunir as palavras de origem indígenas e outras que sejam diferentes do português padrão e dar uma função no meio social dos Pankararu. A partir dessa linha de pesquisa onde a língua e a história desse povo estão juntas, é possível analisar a língua do povo Pankararu não como um fato separado da sua história, mas como elemento inseparável dela, pois este povo está vivo mais do que nunca e junto com ele as histórias.

Quem sabe assim, possamos construir não só uma linha, mas uma rede onde outros pesquisadores possam acrescentar e complementar com mais outras pesquisas. Por meio dessa reflexão sobre as particularidades de comunicação que envolve o umbigo dos Pankararu em diversos lugares participando de momento ímpares localizado no seu território, que vai do diálogo do momento em que estão acontecendo os rituais como o flechamento do imbu, o fazer um utensílio de barro, de palha de licuri, fazer uma feira, vender seus produtos, limpar uma roça, contar histórias, reivindicar seus direitos a terra, conversar com um mais velho.

Todos esses trabalhos só são possíveis se materializados de forma coletiva, como fazem, entre pessoas, que se ajudam por meio da comunicação. É por meio dela que uma criança Pankararu aprende a se expressar com os outros, é também com essa linguagem que ela chega até a escola com suas histórias e imaginações do mundo.

É importante também aumentar o repertório com as palavras que estão dentro da história dos Pankararu, mas por dominação da língua portuguesa, a língua Pankararu ficou no esquecimento sem uso. Não vejo nada demais se faltar uma palavra ancestral Pankararu para completar uma frase e se nós completarmos com uma ou mais palavra portuguesa, isso é bom e vai dar vida, visibilidade, protagonismo às palavras do nosso povo.

Com toda essa preparação contextual dos Pankararu desde dos primeiros contatos com os religiosos nos séculos passados até a atualidade, como era difícil falar da língua ancestral Pankararu. Fico a imaginar o quanto foi difícil para os antepassados manter algumas palavras ancestral dentro da aldeia, de suas casas e nos lugares onde circulam muitas pessoas não indígenas. Mesmo que as 100 palavras permaneceram adormecidas sem que ninguém as despertassem. Por um lado, mostra o terrorismo do colonialismo e sua herança nas pesquisas

das línguas indígenas do sertão do Rio São Francisco que de certa forma também contribuíram para que as 100 palavras Pankararu continuassem adormecida.

Por outro lado, a situação atual mostra o quanto esse povo é resistente, pois inúmeras vezes da época das primeiras histórias dos Pankararu e outros povos indígenas que se juntaram ou por imposição ou por vontade própria as palavras em Pankararu continuaram a existir mesmo sofrendo tentativas de apagamentos e de silenciamento. Por isso, é preciso estar atento para ouvir e perceber as palavras Pankararu, é nas narrativas do dia a dia ou de histórias do passado que entre as palavras em português sai uma ou duas palavras em Pankararu. Contudo, a pessoa que está ouvindo a história de um ancião não pode falar, por exemplo, -agora eu quero ouvir aquela história que tem aquela palavra indígena pois, se falar, a pessoa nem conta essa história e nem outra mais.

Outro dia estava conversando com senhora Pankararu bem de idade. Ela contava um acontecido do presente, mas no meio da história ela se lembrou de uma palavra que, segundo ela, o tio dela já falecido gostava de falar: õolha meu filho hoje o tempo õpalankôö. Depois a senhora olhou a minha fisionomia e percebeu que fiquei confuso e explicou que significava mudança de tempo ou quando a pessoa acorda um pouco com indisposição. Outra palavra que já ouvi da boca de um Pankararu foi saburá tinguajar , um material específico que fica dentro da casa da arapuí (abelha). Os mais velhos iam pescar peixe no Rio, eles jogavam esse saburá, o tingu na água e os peixes ficavam tontos. Eles os cercavam e pegavam até com a boca.

Depois dessa, anotei mais duas palavras, estava num terreiro de festa tradicional era uma festa do menino no rancho (rito de iniciação para menino), fui chegando e um senhor de idade conhecido como João Pinto olhando para o comportamento de quem estava participando do ritual disse: õ antigamente não era assim, hoje vejo todo mundo com um cachimbo na boca, mas vá perguntar a eles como os mais velhos chamam antigamente que eles nem sabe. Alguém aqui sabe? Para quem estava perto dele, todo mundo ficou calado. O cachimbo o nome é õmatringáö porque mata e levanta depende de quem vai usar e o fumo é õpoíö. Também depois disso o senhor saiu e não quis conversa com mais ninguém e logo que cheguei em casa anotei essas duas palavras.

São esses vocábulos e outros que só se ouve se for por meio das histórias das pessoas mais velha da aldeia, não vejo os jovens se comunicando usando expressões assim. Isso só mostra a desconfiança, talvez, o medo de alguns Pankararu de revelar as palavras de seus ancestrais. Porém, a língua, o português falado do jeito deles circula livremente nas



comunicações entre os Pankararu, pois até mesmo as palavras de origem indígenas de suas identidades ancestrais se mostram tímidas diante da língua de poder.

No caso desse contexto específico da vivência dos Pankararu, onde está a sua língua ancestral, não dá para separar ela dos acontecimentos de sobrevivência desse povo tão guerreiro que como vimos na parte da história desse percurso o quanto foi difícil os Pankararu sobreviverem, dá mesma forma a sua língua ancestral também.

Com essa reflexão espero contribuir para encorajar a possibilidade de elaborar propostas para nos fortalecer enquanto grupo que luta para manter tradições milenares diferenciadas, fortalecidas sem deixar que retirem de nós o direito de nos comunicar com um repertório rico, com marcas da nossa resistência e luta. Espero ter contribuído também para o entendimento de que revitalizar uma língua não significa que todos os Pankararu vão falar só uma variedade de uma determinada língua, não é bem isso. Revitalizar a língua hoje em Pankararu tem um significado muito especial e marcante. É dar vida a palavras como Sarapó (liderança espiritual ou pajé), Tingi (alimento usado para pegar peixe no Rio), Xumpunhum, Caximbal, Pukaré, nome esses de muitos deuses que temos e nos faz remeter a todo nosso processo histórico de fé carregado de superações individuais e coletiva e nessas narrativas há as perdas e as vitórias da vida unicamente Pankararu, circulam o tempo todo mesmo que elas estejam no meio da língua portuguesa. São elementos que comprovam a nossa existência enquanto um povo que tem suas particularidades há séculos, que é específico deste povo como por exemplo, quando está cantando umö tuanteö para os Praiás dançar, o levantar a voz, baixar a voz, cantar o tuante para comer, para finalizar o ritual. Por tudo isto, revitalizar os vocábulos Pankararu é recuperar a nossa ancestralidade e isso é muito forte e impactante na luta pelos nossos direitos.

O mais importante e bonito do mundo é isto; que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas, mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam. Verdade maior. É o que a vida me ensinou.  
(Guimarães Rosa, *Grande Sertão: Veredas*).

## Referências

ARRUTI, José Mauricio Paiva Andion. *O Reencantamento do Mundo: Trama histórica e Arranjos Territoriais Pankararu*. Dissertação (Mestrado em Antropologia social) ó Museu Nacional, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro. 1996.

BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico: os oitos mitos da língua Portuguesa*. 49. Ed. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

- BONFIM, Anari Braz. *Patxohã, òlingua de guerreiroö: um estudo sobre o processo de retomada da língua pataxó*. Dissertação (Mestrado em Estudos Étnicos) ó Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia. 2012.
- BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO. *Referencial Curricular Nacional para as escolas Indígenas*. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- CARVALHO, Castelar de. *Para compreender Saussure: fundamentos e visão crítica Sobre as escolas estruturalistas*. 11 ed. corrig. Petrópolis: Vozes, 2002.
- CÁSSIA, Rita; TORRES, Manoel; AUXILIADORA, Maria. Iniciativas do trabalho com palavras da língua de origem Tupi. [12 nov. 2015]. Tacaratu: Museu-Escola Pankararu. Entrevista concedida ao autor.
- CÉSAR, America; CAVALCANTI, Marilda. Do singular para o multifacetado: o conceito de língua como caleidoscópio. In: CAVALCANTI, Marilda C.; BORTONI-RICARDO, Stella Maris (Org.). *Transculturalidade: linguagem e educação*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2007. p. 45-63.
- CONSELHO INDIGENISTA MISSIONÁRIO. *Por uma educação descolonial e libertadora: Manifesto sobre a educação escolar indígena no Brasil*. Brasília: CNBB, 2013.
- ESTEVÃO, Oliveira. Ossuário da gruta do Padre em Itaparica e algumas notícias remanescentes de índios no Nordeste. *Boletim do Museu Nacional*, Rio de Janeiro, v. XIV-XVII, p. 151-240, 1937.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- GORETE NETO, Maria. *As Representações dos Tapirapé sobre sua Escola e as Línguas Faladas na Aldeia: Implicações para a Formação de Professores*. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada, na área de Multiculturalismo, Plurilinguismo e Educação Bilíngue) ó Departamento de Pós-Graduação em Lingüística Aplicada do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP. 2009.
- MAHER, Terezinha. Do casulo ao movimento: a suspensão das certezas na educação bilíngue e intercultural. In: CAVALCANTI, Marilda C.; BORTONI-RICARDO, Stella Maris (Org.). *Transculturalidade: linguagem e educação*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2007. p. 67-94.
- MESQUITA, Rodrigo; BRAGGIO, Silva. Empréstimos Semânticos do Português em Xerente Akwe: um Olhar Etnossintático. *Revista de Letras*, Goiânia, v. I, n. 1, p. 26-44, jan.-jun. 2012.
- MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cleo V.; RASO, Tommaso. *Os contatos lingüísticos no Brasil*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.
- MORENO, Antônio. A história da língua Pankararu [11 fev. 2015]. Tacaratu, PB: Aldeia Brejo dos Padres. Entrevista concedida ao autor.
- ORIENTAÇÕES METODOLÓGICAS: Ensino Médio Língua Portuguesa, Secretaria de Educação do Estado de Pernambuco, 2008, 44 p.
- PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS. *Terceiro e Quarto Ciclos do Ensino Fundamental: Língua Portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1998, 95 p.
- STRECK, Danilo R.; AZEVEDO, Daiane Almeida de; ALBERTON, Mirele; MACHADO, Dênis Wagner. Elizardo Perez: Warisata: a Escola ayllu. *Fontes da pedagogia latino-americana*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 231-246.